

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



DISSERTAÇÃO

**“VIVEMOS UM SER DESCONJUNTADO”: A PRODUÇÃO DA DIFERENÇA NOS
DISCURSOS DOS SURDOS ACADÊMICOS**

VIOLETA PORTO MORAES

Pelotas-RS
Janeiro, 2014

VIOLETA PORTO MORAES

**“VIVEMOS UM SER DESCONJUNTADO”: A PRODUÇÃO DA DIFERENÇA NOS
DISCURSOS DOS SURDOS ACADÊMICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FAE/PPGE/UFPEL) como requisito parcial e último à obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Currículo, Profissionalização e Trabalho Docente.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Madalena Klein

Pelotas - RS
Janeiro, 2014

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M827v Moraes, Violeta Porto

"Vivemos um ser desconjuntado" : a produção da diferença nos discursos dos surdos acadêmicos / Violeta Porto Moraes ; Madalena Klein, orientadora. — Pelotas, 2014.

65 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

1. Educação de surdos. 2. Movimentos surdos. 3. Discursos acadêmicos. 4. Multiplicidade. 5. Diferença. I. Klein, Madalena, orient. II. Título.

CDD : 371.9

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

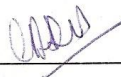
TERMO DE APROVAÇÃO

Dissertação defendida e aprovada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Área de Educação, defendida e aprovada, em 15 de janeiro de 2014, pela banca examinadora constituída por:



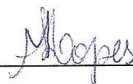
Profª. Dra. Madalena Klein

Orientadora – PPGE/UFPeI



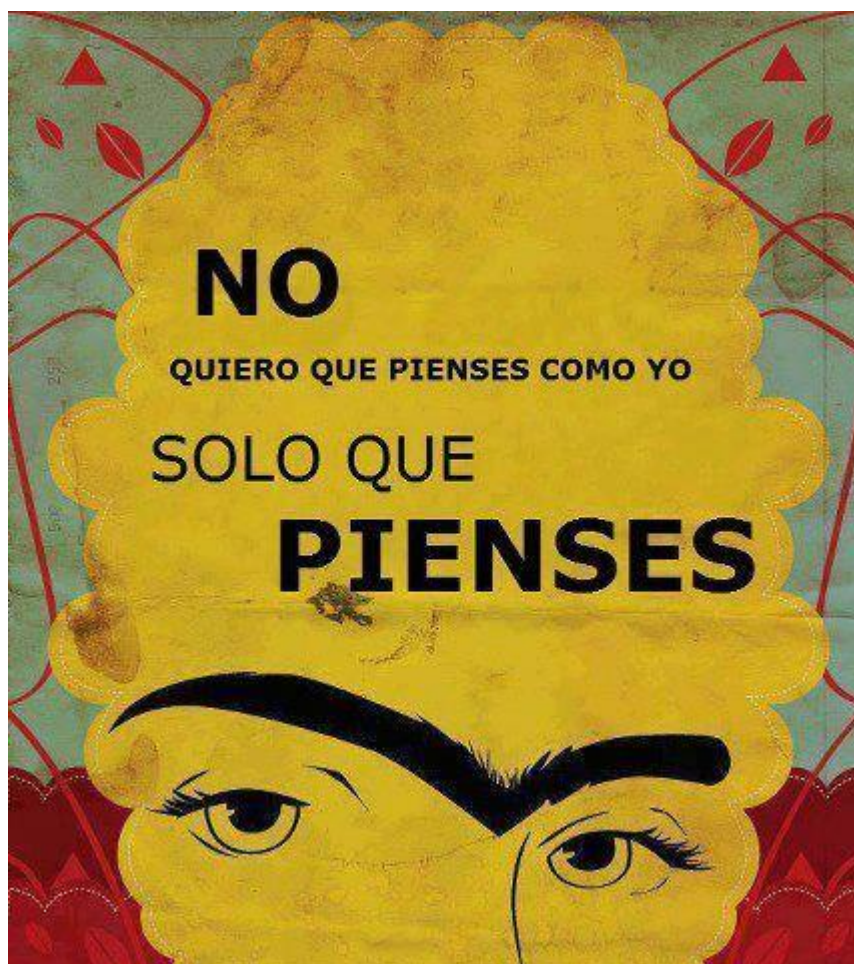
Profª. Dra. Carla Gonçalves Rodrigues

PPGE/UFPeI



Profª. Dra. Maura Corcini Lopes

UNISINOS



(Autor desconhecido)¹

¹ Fonte: <https://www.facebook.com/photo.phpfbid=465510536862231&set=a.373134779433141.91352373134396099846&type=1&theater>

Dedico este trabalho ao mal-estar que nos invade e possibilita que pensemos de outros modos!

BONS ENCONTROS...

Traduzir-se²

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir-se uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte -
será arte?

Este trabalho, assim como eu, é formado de muitas partes e neste momento vou tentar traduzir, com algumas palavras, o quão importantes todos vocês são e foram neste e em todos os momentos.

Me considero uma pessoa privilegiada pois a vida me proporcionou bons encontros. E, Spinozamente falando, essa afecção, produzida por esses encontros, deixou marcas potentes que aumentam a potência de existir. O que é esse bom encontro? O que eleva a potência...

Pai, mãe e Mateus: vocês são o meu pedaço mais potente! Agradeço simplesmente por vocês existirem na minha vida.

Pai e mãe, obrigada por não só acreditarem nos nossos sonhos, mas por sonharem junto conosco. Vocês são os maiores incentivadores! Valeu pelo orgulho, pela confiança e por

² Poema de Ferreira Gullar.

apoiarem todas as nossas decisões. Também tenho muito orgulho de vocês.

Mateus, graças a ti, meus momentos de escrita solitária foram povoados pela tua música. Obrigada pelos mates e cafés, compartilhados neste momento que também foi de muita escrita para ti; por teres lido meus textos tensionados, problematizados... Ah, também agradeço por ter agregado à nossa família a minha querida cunhada Carolina, que só veio para somar!

À criança que faz nossos corações transbordarem de amor: “nossa linda Mariana” (quando ela aprender a ler vou mostrar esses agradecimentos), por tornar nossa vida mais colorida, divertida, doce e cheia de bagunça.

À minha comadre-amiga-colega Cris que foi um dos melhores encontros que tive na faculdade e que permanece, cada dia mais potente. Obrigada pela nossa amizade! Tenho muito orgulho de ti, comadre! A mais linda e amada afilhada Nanda que também esteve e está do nosso lado em todos os momentos.

À Mada, por ter apostado em mim e em minha pesquisa. Como ela mesmo diz: “o que une as nossas pesquisas é a educação de surdos”, mas permite que nós escolhamos nossos caminhos e nos incentiva a ter prazer em realizar nossas pesquisas. Quando te disse: posso trabalhar com isso e aquilo? No mesmo instante concordasse (com certeza ficasse meio tensa) e na maior sinceridade dissesse: se é isso que tu quer, eu topo! Podes estar certa que se não fosse a tua ajuda eu não estaria, nesse momento, tão realizada em ter feito esta pesquisa. Nossa parceira foi potente. Feliz de nós que temos uma orientadora tão parceira. Obrigada por tudo!!!!

Quando passei na seleção do Mestrado fiquei duplamente feliz, pois a Ângela foi aprovada neste mesmo processo seletivo. Não sei o que seria desses dois anos se não fosse a nossa parceria amiga-colega-professora (também um pouco orientadora). Contigo aprendi a ser um pouco “cri-cri”! És um exemplo de dedicação, profissionalismo, responsabilidade e cricrizisses. Agradeço a parceria nos artigos, nos eventos, nas apresentações de trabalhos, nas maravilhosas contribuições e à nossa amizade. Desejo as melhores coisas da vida pra ti!

À Maitê, a amiga que mesmo surtando de segunda à segunda sempre tem tempo para os surtos das amigas. Obrigada pela tua amizade, pela força em todos os momentos e por escrever junto comigo!

Maitê, Ângela e Mada, não posso deixar de agradecer às nossas cervejas geladas das quintas. Ainda bem que temos as quintas-feira!

As tardes de terças me proporcionaram momentos de desterritorialização, fundamentais neste processo. Lá, vi a potência para desenvolver esta pesquisa e, lá, também

me permiti ser de outras formas, escrever de outros jeitos, também lá, em muitos momentos, me senti à flor da pele... Agradeço imensamente à turma do Seminário de Articulação Educação, Arte e Filosofia I, II e III. Construimos uma linda amizade, regadas de Deleuze, Spinoza, Guattari, Nietzsche...Tenho receio em esquecer de citar alguém, mas não posso deixar de mencionar a querida Carmem que sempre tinha/tem a palavra certa na hora certa.

Lá dividimos experiências, falamos das nossas fragilidades e estudamos muito! Agradeço todos vocês por fazerem parte dessa caminhada!! Tivemos no dia à dia a professora que desordenou nosso pensamento, que provocou rachaduras nessas estruturas ora mais flexíveis e ora muito rígidas. Carla, agradeço por teres me recebido na tua aula de forma tão afetuosa, quando a primeira coisa que eu disse foi: “não conheço nada, estou aqui de curiosa”, e não saí mais. Tens respeito pelas nossa experiências, valoriza o que fizemos e isto também faz com que fiquemos colados em ti. Obrigada por cobrar as notas de estudo, por fazer tabelas!! Sou muito grata por teres aceitado participar das bancas de defesa e qualificação.

À professora Maura agradeço por topar contribuir com esta pesquisa e por ver potência neste trabalho. Me sinto muito honrada com a tua participação neste momento!

Aos integrantes do Projeto de Pesquisa: Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda, obrigada pelas trocas e pelos momentos de aprendizado que passamos juntos. Ao grupo da UFRGS em nome da professora Lodenir e da querida amiga Janete e aos colegas da UFSM em nome da professora Márcia. Espero que muitas parcerias ainda possam acontecer.

Ao grupo de orientação, em especial à Karina, que, entre uma mamada e outra, achou ~~um~~ tempo para contribuir, não só comigo, mas com todo o grupo.

Aos professores e colegas do Curso de Especialização em Educação de Surdos agradeço as discussões, foram muito produtivas durante esse processo.

À comunidade surda de Pelotas que tão bem me acolheu, obrigada! Não poderia deixar de citar os amados Álvaro e Lilian os quais tenho muito respeito e admiração. Obrigada por me considerar parte da sua linda família, vocês moram no meu coração!

Aos professores e colegas do Programa de Pós Graduação em Educação agradeço a acolhida, em especial, à colega e amiga Thaiana pelos bons momentos compartilhados.

Ao grupo de Tradutores-Intérpretes de Língua de Sinais digo mais uma vez: somos privilegiados por ter vocês aqui!

Aos funcionários da Faculdade de Educação que estiveram sempre à disposição para ajudar nos detalhes mais técnicos. A Ana, da secretaria do Programa, que sempre nos ajuda mesmo em cima da hora.

À CAPES, pela bolsa concedida.

Agradeço aos amigos que se fizeram presentes num momento tão importante que foi a banca de qualificação. Fiquei muito feliz em ver todos vocês naquele momento tenso!

Enfim...

*“Gracias a la vida,
que me ha dado tanto”.*
(Violeta Parra)

MORAES, Violeta Porto. **“Vivemos um ser desconjuntado”: a produção da diferença nos discursos dos surdos acadêmicos**. 2014. 65p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Resumo

Esta dissertação apresenta uma pesquisa que analisa como discursos de surdos acadêmicos vêm produzindo outros modos de ser no movimento surdo. Este trabalho toma como centralidade o conceito de multiplicidade a partir de uma aproximação das Filosofias da Diferença principalmente do filósofo Gilles Deleuze. Nessa aproximação, procurou-se transitar por outros caminhos, nem melhores, nem piores, mas que possibilitassem dizer outras coisas e pensar de outros modos. Nesse sentido, objetivou-se problematizar o movimento surdo, fazendo aparecer suas singularidades. Tomou-se como materialidade a coletânea “Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas”, publicada no ano de 2012 e apresentada pelas organizadoras como sendo uma produção acadêmica escrita por surdos. Também foi feita a aproximação a três documentos produzidos pela comunidade surda brasileira, quais sejam “Reivindicações da Comunidade Surda Brasileira”, “A Educação que nós surdos queremos” e a “Carta Aberta ao Ministro da Educação: elaborada pelos sete primeiros Doutores Surdos que atuam nas áreas de Educação e Linguística”. Estes documentos foram produzidos nos anos de 2011, 1999 e 2012, respectivamente. A proposta desta dissertação foi pensar o pensamento sobre as coisas, para que esses discursos não fossem tomados como verdades únicas. Então realizou-se uma análise de discursos produzidos pelos surdos acadêmicos, tensionando os efeitos que a apropriação do espaço acadêmico pelos surdos tem nos discursos que sustentam as lutas do movimento. Verificou-se que os escapes produzidos nos escritos surdos não fazem referência diretamente a sujeitos específicos, mas possibilitam outros caminhos, outras escolhas. Os escritos dos surdos acadêmicos são constituídos de escapes, identidades, fugas, estruturas.

Palavras-chave: Educação de Surdos; Movimentos Surdos; Discursos Acadêmicos; Multiplicidades; Diferença.

MORAES, V. P. “**We live a disjointed being**”: the production of difference in the deaf academics’ discourses. 2014. 65p. Dissertation (Master’s) – Postgraduate Program in Education. Federal University of Pelotas.

Abstract

This dissertation presents a research that analyzed how the academic discourses of deaf people have been producing different ways of being in the deaf movement. This investigation used as its central aspect the concept of multiplicity from an approximation of the Philosophies of Difference philosopher Gilles Deleuze mainly. In that approximation, this research tried to search for other paths which were neither better nor worse but that could allow the researcher to tell different things and to think in other ways. In this way, this work questioned the deaf movement in order to make its singularities to appear. It was used the compilation *Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas* published in 2012 and presented by the organizers as an academic production written by deaf. Also it was made its approximation to three documents which were produced by the Brazilian deaf community: *Reivindicações da Comunidade Surda Brasileira*, *A Educação que nós surdos queremos* and *Carta Aberta ao Ministro da Educação: elaborada pelos sete primeiros Doutores Surdos que atuam nas áreas de Educação e Linguística*. These documents were produced in the years 2011, 1999 and 2012 respectively. The proposal This dissertation was to think about the thinking of things so that those discourses do not be taken as only truths. Then performed an analysis of discourses produced by deaf students, tensing the effects that the appropriation of academic space for the deaf has the discourses that support the fights of the movement. It was found out that the escapes produced by deaf authors in their papers do not make reference to specific subjects directly but they make other ways and choices possible. The papers written by deaf researchers consist of escapes, identities, breaks, structures.

Keywords: Education of Deaf People; Deaf Movements; Academic Discourses; Multiplicities; Difference.

SUMÁRIO

(RE) COMEÇO.....	15
1.PENSAR O PENSAMENTO: outros caminhos, outras escolhas, outros embates.....	20
1.1. DAS ESCOLHAS.....	23
2. “NADA DE NÓS, SEM NÓS”: nós é comunidade, nós é identidade, nós é militância, nós é estrutura	28
2.1. OS ESCRITOS ATRAVESSADOS PELA LUTA.....	33
2.2. ALGUMAS CONQUISTAS.....	36
2.3. ESCOLA BILÍNGUE EM PAUTA.....	38
2.4. SURDO PRODUZIDO NO MOVIMENTO.....	42
3. ESCAPA e ESPARRAMA e DERRAMA.....	49
4. SERÁ QUE VAZOU?.....	55
REFERÊNCIAS.....	58
ANEXO.....	65

(RE) COMEÇO...

*“Viver é um rasgar-se e remendar-se”
(GUIMARÃES ROSA).*

Coloco-me no constante estado de estar à espreita, na busca de um encontro com algo que faça pensar. Esse pensamento como experiência de resistência, a pensar o já pensado, uma experiência que provoca algo e faz com que nos transformemos. Pensamento como movimento, para criação de algo novo.

Quando proponho resistir a pensar o já pensado, penso que, brevemente, se faz necessário falar sobre como venho me constituindo como pesquisadora na área da educação de surdos. As primeiras questões sobre os surdos e a surdez atravessam meu pensamento em um contexto de graduação³ em Educação Especial, na Universidade Federal de Santa Maria. De certo modo, ser atravessada concomitantemente pelos discursos dos Estudos Surdos⁴ e Estudos Culturais⁵, bem como pelo discurso da Educação Especial, já faz com que algumas verdades sejam tensionadas e desestabilizadas. Em um dos estágios obrigatórios do curso em questão me vi, pela primeira vez, sendo professora numa Escola de Surdos⁶ e sendo provocada pela seguinte questão: como eles [os alunos] estão se “vendo” e como se constituem enquanto sujeitos inseridos dentro de uma comunidade surda paralela a um núcleo familiar ouvinte. A partir disso, produzi o relatório de estágio “OLHE PARA MIM: ressignificando as identidades na escola de surdos”⁷. No trabalho de conclusão de curso,⁸ busquei lançar um outro olhar acerca dos discursos que constituem o alunado da Educação Especial, por meio da realização de análises de duas propagandas em circulação na televisão aberta, no ano de 2007, e da Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da educação inclusiva: versão preliminar (SEESP/MEC 2007). Esses materiais possibilitaram a

³Início o curso no ano de 2007.

⁴ Um programa de pesquisa em Educação, em que as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político (SKLIAR, 1998, p.5).

⁵Os Estudos Culturais em Educação constituem uma ressignificação e/ou uma forma de abordagem do campo pedagógico em que questões como cultura, identidade, discurso e representação, passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER2003, p.23).

⁶Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Coser, situada no município de Santa Maria/RS.

⁷ Sob a orientação da Prof^a Dr^a Márcia Lise Lunardi-Lazzarin.

⁸Sob a orientação da Prof^a Dr^a Márcia Lise Lunardi-Lazzarin, intitulado: “O outro narrado através das verdades produzidas pela mídia”.

articulação entre o contexto, no qual se encontrava a Educação Especial, e os discursos produzidos pela mídia, acerca da inclusão educacional e da normalização das diferenças dos sujeitos ali narrados, em especial, os sujeitos surdos.

Ao final da graduação, com a mudança para a cidade de Pelotas, tive a oportunidade de continuar transitando dentro de uma mesma perspectiva teórica, porém em um outro espaço acadêmico⁹. Essa nova etapa se dá quando passo a participar de uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Educação, como aluna especial¹⁰, e também quando passo a integrar o Projeto de Pesquisa “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”¹¹ (Programa Pró-Cultura – CAPES/MINC), como colaboradora voluntária. A participação em tal pesquisa possibilitou levantar questionamentos sobre os processos de produção da cultura surda dentro dos movimentos surdos, bem como no contexto da inclusão educacional.

No segundo semestre do ano de 2011, ingressei no Curso de Especialização em Educação – área de concentração Educação de Surdos - dessa mesma universidade. Nesse curso senti-me atravessada por outra realidade, que não se restringiu apenas à pesquisa, pois, em um mesmo contexto, estive em contato com diferentes pessoas que ocupam diferentes lugares dentro da comunidade surda. Espaço esse, de inúmeras e permanentes negociações culturais.

Com o ingresso no curso de mestrado perguntei: e agora? O que saturou? O que se esgotou? O que vou combater? Combater não como oposição, negação, mas enquanto afirmação de outra maneira de pensar. Isso era preciso? Para mim isso fazia e ainda faz sentido: combater esse mal-estar que invade e, portanto, buscar a transformação, em um outro, enquanto território subjetivo. “À medida em que fui mergulhando na memória, para buscar os fatos e reconstituir sua cronologia, me vi adentrando numa outra espécie de memória, uma

⁹Universidade Federal de Pelotas.

¹⁰Seminário Avançado: Estudos Surdos em Educação, sob a responsabilidade da Prof^a Dr^a Madalena Klein.

¹¹Essa pesquisa tem como objetivo: mapear, coletar e analisar as produções culturais das comunidades surdas brasileiras, assim como dar visibilidade a tais produções. Este projeto filia-se ao campo dos Estudos Culturais por entender a cultura como campo de luta em torno de significação social e aos Estudos Surdos, por conceber a cultura surda como espaço de contestação e de constituição de identidades e diferenças. Integram o Projeto, três Instituições Federais de Educação Superior: Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal de Pelotas e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, as quais são responsáveis por mapear e analisar um segmento específico da produção cultural: vídeos veiculados pela Internet, obras literárias e produções acadêmicas de surdos, respectivamente. (SANTOS; SILVA; BARCELLOS, MORAES, 2011, p.43).

memória do invisível, feita não de fatos, mas de algo que acabei chamando de 'marcas'" (ROLNIK, 1993, p.1). Percebo que estas marcas são potentes para a construção do que me proponho a pensar aqui, nesta dissertação.

Esta pesquisa tem como pano de fundo os movimentos surdos, embora sua ênfase esteja nos discursos de surdos que circulam no contexto acadêmico. Problematicar o espaço da academia, aonde vêm se dando essas produções é, de certa forma, questionar, fazer uma crítica sobre esse lugar no qual eu venho me constituindo como pesquisadora na área de educação de surdos. Em um contexto de sala de aula, presenciei uma acadêmica surda fazer o seguinte comentário a respeito do que ela sentia quando tinha a possibilidade de estudar uma produção de um surdo/a: "é uma referência (...) sinto segurança e confiança".

Neste momento, continuo a olhar para a constituição dos sujeitos surdos, mas a ênfase não está no que é recorrente e acaba por fazer com que eles se posicionem de um determinado jeito, mas sim naquilo que escapa de um modelo a ser seguido. Com isso, fui buscar outros caminhos, nem melhores, nem piores, mas que possibilitassem dizer outras coisas e pensar de outros modos, já que, dessa forma:

Rompe-se assim o equilíbrio desta nossa atual figura, tremem seus contornos. Podemos dizer que a cada vez que isto acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós (ROLNIK, 1993, p.2).

Aventurei-me a pensar o não pensado e, em um primeiro momento, encontro Gilles Deleuze que de maneira nenhuma resolve os problemas ou tranquiliza o pensamento. A partir dele as provocações aumentam e as violências no pensamento são frequentes. O que importa para Deleuze é o pensamento pluralista, que desliza em uma multiplicidade substantiva – percebendo o mundo enquanto um conjunto de coisas e palavras, e não de adjetivos – e nos processos que nela operam: essa multiplicidade substantiva que emite forças, vetores, energia. Penso ser relevante falar do “SOS de Deleuze”, ou seja, as ideias combatidas pelo autor: o Sujeito centrado, a Organização enquanto algo pré-definido e o Significado.

Trago isto para dizer que esta pesquisa se distancia do SOS e propõe, assim como Deleuze, pensar os processos de constituição dos sujeitos; o sentido enquanto aquilo que, a partir do pensamento mobilizado por um encontro, é possível; a multiplicidade e a produção

da diferença, entendida como o vazamento que se faz em uma estrutura previamente definida.

Desde já se faz imprescindível falar sobre o conceito de multiplicidade, a fim de justificar o porquê da escolha de trazer nos títulos de duas seções as expressões “e” e “é”, como também já adiantar algumas aproximações teóricas desenvolvidas ao longo do texto.

Operar por multiplicidade é se distanciar de qualquer busca pela significação, pela busca do que “é”, das verdades, da identidade. Operar por multiplicidade é potencializar os escapes que estão no âmbito das possibilidades, do vir a ser; o “e” que está no meio, que cresce entre as estruturas. Segundo Deleuze e Guattari:

As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos que são singularidades; as suas relações, que são devires; a seus acontecimentos, que são hecceidades (quer dizer, individuações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos livres; a seu modo de realização, que é o rizoma (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui platôs (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem territórios e graus de desterritorialização. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.10).

Opero com o conceito de singularidade, entendendo-o como a possibilidade do sujeito *ser* sem identidade, como um outro jeito de poder se narrar e, desse modo, tento perceber estes escapes na produção surda. Aqui o “importante não é que os fluxos produzam “uno ou múltiplo”, não estamos mais nessa: há um agenciamento coletivo de enunciação, um agenciamento maquínico de desejo, um no outro, e ligados num prodigioso fora que faz multiplicidade de toda maneira.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 46).

Ao final desta introdução, que tem como objetivo apresentar ao leitor o texto que se segue, adianto que o que busquei fazer com a escrita, e através dela, foi:

[...] é possível juntar e afastar, mas com a necessidade de explicar como se junta e porque se afasta. Assim, empenhei-me, por meio dela, a desaprender o já sabido e experimentei operar com outros conceitos, usar outros procedimentos e ensaiar outras explicações porque sei que é necessário estar insatisfeita com o já dito, o já significado e com o já sabido sobre o objeto escolhido (CARDOSO, 2012, p. 221).

Para a apresentação da dissertação, o texto foi dividido em quatro seções:

- em “*PENSAR O PENSAMENTO: outros caminhos, outras escolhas, outros embates...*” apresento os (des)caminhos investigativos que foram percorridos, bem como os objetivos e a problemática que impulsionaram a pesquisa;
- na seção “*NADA DE NÓS, SEM NÓS: nós é comunidade, nós é identidade, nós é militância, nós é estrutura*”, analisei o que é recorrente nos documentos e nas escritas dos surdos e que encontra-se atravessado pela essencialização, pureza e, principalmente, pela busca de um ideal. Também contextualizo alguns momentos do movimento surdo que se apoiam nesses escritos para dar sustentação às suas lutas;
- a seção “*ESCAPA e ESPARRAMA e DERRAMA...*” é o que poderia ser chamado de “o coração” desta dissertação, pois é lá que invisto na possibilidade da produção da diferença, é lá que aparecem os escapes, as linhas de fuga, é lá que aparecem as singularidades do movimento surdo;
- na seção “*SERÁ QUE VAZOU?*” trago uma retomada das discussões que moveram esta pesquisa, não com o intuito de concluir e fixar um pensamento, mas apresentar as possibilidades do pensar que foram produzidas a partir dos discursos analisados nos materiais.

1. PENSAR O PENSAMENTO:

outros caminhos, outras escolhas, outros embates...

“Assim, o pensar de outro modo é sempre uma viagem para fora, cujo roteiro dificilmente já se conhece e cujo destino de chegada quase nunca existe.”
 LOPES; VEIGA-NETO (2010, p.159).

O caos... o pensamento ... a escrita. A experiência de escrever o novo e, de novo, na direção de outro fluxo, dentro de outra (s) possibilidade (s)!

Aqui a escrita é ferramenta infinitamente potente. Não há dúvidas disso! A leitura também, ao fazer subir à superfície diferentes planos. Ler, escutar, escrever. Múltiplas linguagens em transcrição! Talvez assim seja possível realizar experimentações e ir construindo um método que permita olhar para o processo de fazimento e desfazimento de território [...] habitado. Procedimento, nada mais do que isso. Funciona, não funciona. Bem aí se sucedem muitas coisas. (RODRIGUES, 2011 p.126).

Tentei desenvolver, nesta dissertação uma estratégia de escrita que mantivesse um fluxo, não linear, e sim rizomático, que não fosse interrompido por anúncios do tipo: “segundo excerto retirado de tal escrito e/ou documento...”. Pois, penso que os autores que ajudam a pensar, e o material que provoca o pensamento, entram em convergência para potencializar a discussão aqui proposta. Por isso, os excertos retirados dos documentos e dos escritos surdos estarão esparramados ao longo do texto na forma *Itálico*, para que se diferenciem dos demais escritos que compõem este texto.

Não vejo necessidade de iniciar essa escrita dizendo se estou “filiada” a esta ou aquela perspectiva teórica. Estou fugindo dos rótulos, dos pré-conceitos, dos estigmas. E agora? Como criar modos de proceder diante de uma outra forma organizada? Como extrair algo novo? Escolhi transitar no terreno das suspeitas, do “não lugar” no qual “pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer” (DELEUZE, 1992, p.132). Esse “não lugar” da diferença. A diferença que permite conceber a vida e o mundo como processos de criação do novo, constituídos por forças, fluxos, movimentos, linhas de fuga. Linhas de fuga criadas pelas resistências.

Escolhi o movimento! O movimento da saída, do aventurar-se, da desterritorialização.

Do embate com as afirmações, com as verdades, com a norma. Escolhi esforçar-me na criação de outros territórios. Por que desterritorializar? “Desterritorializamos ou decompomos porque precisamos inventar uma outra imagem de pensamento para o nosso estudo. Territorializamos ou recompomos porque nossa pesquisa exige a invenção ou a construção de um novo território” (PARAÍSO, 2012, p. 37). Território de suspeitas, não de verdades.

Dentre essas tantas escolhas e renúncias, não abri mão de trabalhar com alguns conceitos filosóficos e, desde a banca de qualificação, tenho me perguntado: por que utilizar alguns conceitos filosóficos? Tenho uma resposta que não é definitiva e única, mas é a que faz sentido nesse momento: porque isto faz pensar! Porque utilizo esses conceitos para orientar o pensamento que se torna caótico, pois encontra-se no processo de dar forma a uma ideia.

Com esta pesquisa não busquei dizer o que *é*, mas estive sempre na tentativa de operar e movimentar os conceitos. A filosofia da diferença pela qual tenho me aproximado “é indissociável de uma teoria das multiplicidades à medida que a intuição como método é um método antidialético que busca a diferença no jogo das intensidades” (ALLIEZ, 1996, p. 23).

Como está se dando esse movimento de pesquisa? O que vem movimentando-me para pesquisar desse jeito e não de outro? Talvez, os encontros que tive. Encontro com algo que despertou em mim alguma coisa. E não cabe aqui julgar se a “coisa” é boa ou ruim; também estou fugindo dos binarismos. Essa “coisa” despertou o pensamento! E colocou o pensamento a pensar de outros jeitos. Não como uma evolução do pensar, mas sim “desterritorializar o pensamento, isso é, arrancar o pensamento da dimensão do pensável em que ele se encontra e lançá-lo em busca de outras dimensões” (LOPES; VEIGA-NETO, 2010, p.159). Entendo esse movimentar do pensamento como a possibilidade de estar o mais perto possível do caos e, ao mesmo tempo, se abrigar contra ele. Quando se escolhe esse caminho rizomático é preciso estar permanentemente à espreita, pois não buscamos definições, respostas, verdades, e sim escapes, vazamentos que podem vir de qualquer lugar. O grande desafio é fazer o “E” das multiplicidades funcionar numa estrutura que já está previamente posta.

Só se pensa de outros modos quando somos forçados a sair da zona de conforto e construir outro território e, nesse sentido, é possível perceber que pensar tem uma dimensão hipercrítica já que está ligado a atitude de “cortar a própria carne- puxar o tapete que está sob nossos próprios pés” (LOPES; VEIGA-NETO, 2010, p. 160).

A partir de então resolvo puxar o tapete que me sustentava e penso que, de alguma forma, também dei uma balançada nos tapetes dos que se encontravam ao meu lado. Esse

tapete é o que mantém a estabilidade e as certezas que nos constituem enquanto militantes, ativistas, acadêmicos que lutam pela educação de surdos, pela cultura surda, ou seja, por aqueles que, de alguma maneira, encontram-se atravessados pelo movimento surdo.

Nesse sentido, não é demais ressaltar que com esta pesquisa não busquei fazer uma crítica ao movimento surdo, à comunidade surda e/ou aos escritos dos surdos acadêmicos, nem posicionar-me de forma favorável ou contrária às lutas da comunidade surda. Mas sim, pensar de outros modos, a partir de um “lugar de onde talvez seja possível não exatamente pensar nossos limites e as forças que nos constroem, mas as condições e possibilidades infinitas, imprevisíveis e indefinidas de nos transformarmos e de sermos diferentes do que somos” (FISCHER, 2007, p.2). O que busquei foi desconfiar e, principalmente, abrir a possibilidade de pensar de outros modos uma história de lutas que vem sendo contada numa perspectiva linear e, assim, construindo verdades absolutas e cristalizadas.

O tempo que se pensa é o intempestivo, um tempo a-histórico, tempo da “emergência de uma diferença desestabilizadora das formas vigentes, a qual nos separa do que somos e nos coloca numa exigência de criação” (ROLNIK, 1993, p.2). Pensar o intempestivo impossibilita a fixação, pois pensamos no vir a ser, na produção da diferença como puro acontecimento.

Esse acontecimento, enquanto multiplicidade e singularidade, emerge como pensamento que produz algo em mim e possibilita outras criações, afetando na subjetividade e inserindo a diferença no próprio sujeito. Paraíso explicita a relação da diferença com o acontecimento, contrastando com a ideia de identidade e diversidade:

A identidade, nesse pensamento, que tem como critério a diversidade reduz o diverso a um ponto comum; busca a reunião, o agrupamento, a identificação das coisas e pessoas [...]. A diferença, por sua vez, que tem como critério o acontecimento, trabalha pela variação de sentidos, pela multiplicação das forças, pela disseminação daquilo que aumenta a potência de existir, pela proliferação dos afectos felizes. A multiplicidade é multiplicadora, ativadora e produtora de diferenças porque opera com o “e” da ligação; esse mesmo “e” que é estratégico na operação de destruição do “é” da identidade. (PARAÍSO, 2012, p.32).

A partir disso, é possível pensar que, para a produção da diferença proposta nesta dissertação, “mais do que o encadeamento ou a estrutura, importa o Acontecimento” (PELBART, 1993, p.61), sendo assim, as singularidades que vou olhar aqui são nômades, não hierarquizadas e constituem puros acontecimentos.

1.1 Das escolhas...

“Construímos nossos modos de pesquisar movimentando-nos de várias maneiras: para lá para cá, de um lado para o outro, dos lados para o centro, fazendo contornos, curvas, afastando-nos e aproximando-nos. Afastamo-nos daquilo que é rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar nosso objeto”. (MEYER; PARAÍSO, 2012, p.16).

O lugar a partir do qual eu falo e me movimento, é atravessado pelas possibilidades de estar sendo. É o lugar das invenções de linhas de fuga, dos desvios, dos tensionamentos, das problematizações, dos deslocamentos, dos escapes, que rompem com o esperado pela normatividade. É o lugar em que “a diferença é o que vem primeiro e é ela que devemos fazer proliferar em nossas pesquisas. [...] procuramos exaltar a diferença e a multiplicidade em vez da identidade e da diversidade” (PARAÍSO, 2012, p.31).

Escolhi como material de análise a coletânea *Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas* (PERLIN; STUMPPFF, 2012). A escolha desta coletânea como material de análise se dá pelo fato de ser organizado por duas pesquisadoras surdas e por apresentar artigos de autores surdos. Destaco que, logo na apresentação da coletânea, é destacado pelas organizadoras Gládis Perlín e Marianne Stumpff que: “o livro [...] é produto de um projeto de extensão objetivado a captar entre **nós, surdos** [...]” (2012, p.5) (grifos meus). Esta coletânea é dividida em três partes¹², nas quais os artigos são agrupados em função das temáticas propostas, quais sejam: Parte 1 - “Significados Imprescindíveis”; Parte 2 - “Diferença e Negociações” e Parte 3 - “Circulação e Consumo Cultural”. Os autores dos artigos que compõe a coletânea são mestres e/ou doutores, na sua maioria, em Educação ou Linguística, professores de universidades e, entre eles, alguns integram programas de pós-graduação, na função de orientadores de mestrado e/ou doutorado. Faz-se importante destacar que estes autores têm grande reconhecimento diante do movimento surdo e alguns deles são tidos como líderes da comunidade surda.

Por que as escritas dos surdos? Penso que tanto na comunidade surda quanto na comunidade acadêmica, no campo da educação de surdos, há uma insistência na citação de

¹² Em anexo está o sumário detalhado da coletânea.

autores surdos. Isso é feito tanto por surdos quanto pelos ouvintes e, desse modo, tudo aquilo que é dito pelo surdo ganha legitimidade e autoridade quando a negociação de significados está permanentemente em jogo.

Com o intuito de contextualizar¹³ a atmosfera na qual a coletânea foi produzida trago, no decorrer desta dissertação, excertos de três documentos produzidos pela comunidade surda brasileira: “Reivindicações da Comunidade Surda Brasileira” (2011), “A Educação que nós surdos queremos” (1999) e a “Carta Aberta ao Ministro da Educação: elaborada pelos sete primeiros Doutores Surdos que atuam nas áreas de Educação e Linguística” (2012). Estes documentos também compõem o conjunto de materiais analisados nesta pesquisa. Olho para estes textos da militância, problematizando onde se separam e se distinguem dos artigos que compõem a coletânea analisada. Entendo que esses documentos estão dando sustentação às escritas acadêmicas, bem como também tais escritas são utilizadas como referência para justificar as produções desses documentos. No texto escrito pelos Doutores Surdos isto é explícito: *“Escrevemos essa carta, juntos, para dizer-lhe, respeitosamente, mas com a ênfase necessária à gravidade que o tema exige, que suas falas não têm fundamento científico ou empírico, conforme mostram nossas próprias pesquisas e as de um sem número de outros pesquisadores brasileiros.”* (CARTA DOS DOUTORES, 2012, p.1).

Diante dessa pesquisa, me propus a olhar para os discursos que escapam, que fogem, que produzem diferença numa estrutura. Estrutura aqui está relacionada à comunidade surda, ao movimento surdo, à militância surda, à cultura surda, à identidade surda. Porém, para que eu pudesse perceber essas singularidades, em algum momento precisei olhar para aquilo que era recorrente. Não com o objetivo de contrapor uma coisa à outra, e sim com o intuito de mostrar que, independente da estrutura que se tem, sempre é possível a produção da diferença. “Não se trata, no entanto de opor os dois tipos de multiplicidades [...], segundo um dualismo que não seria melhor que o do Uno e do múltiplo. Existem unicamente multiplicidades de multiplicidades que formam um mesmo agenciamento [...]. As árvores tem linhas rizomáticas, mas o rizoma tem pontos de arborescência”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.62).

Desenvolvi esta pesquisa a partir da seguinte questão: **Como os discursos de surdos acadêmicos vem produzindo outros modos de ser no movimento surdo?** E a partir da construção dessa problemática tive como objetivos gerais e específicos:

¹³Na seção “Os escritos atravessados pela luta...” falarei sobre o contexto da produção desses documentos.

- Perceber, na escrita dos acadêmicos surdos, os discursos que capturam e/ou deixam escapar possibilidades de os sujeitos surdos se constituírem.
- Tensionar os efeitos que a apropriação do espaço acadêmico pelos surdos tem nos discursos que sustentam as lutas do movimento.
- Problematicar o movimento surdo fazendo aparecer suas singularidades.

A partir da problemática que se colocou, e dos objetivos propostos, busquei realizar uma análise dos discursos que circulam na coletânea *Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas* (2012), e também nos documentos: “Reivindicações da Comunidade Surda Brasileira (2011)”, “A Educação que nós Surdos queremos (1999)” e “Carta Aberta dos Doutores Surdos (2012)”.

Neste texto, chamo de “escritos surdos” os excertos que foram retirados da coletânea e, quando me refiro aos demais materiais de análise, chamo-os de documentos. Essa escolha se fez como uma maneira de diferenciar os dois tipos de materiais, uma vez que os documentos também foram elaborados com a participação de alguns desses surdos. Ao desenvolver esta pesquisa de mestrado, tentei fazer um deslocamento de um pensamento que pudesse prender-me a binarismos e prescrições. Por isso, escolhi procedimentos que possibilitassem um “balançar” nessa estrutura que nos coloca a dividir nossos trabalhos em unidades de análise.

Com as constantes leituras e releituras olhei para o que emergia como escape. A partir disso, fui constituindo aproximações que resultaram em dois blocos de análise. Penso que se fez imprescindível aguçar a atenção aos escapes produzidos nos escritos já que isto não foi tarefa fácil quando se está acostumado a procurar as recorrências. Digo que foi preciso desenvolver a paciência do olhar.

Então, resolvi desenvolver as análises desta pesquisa em dois blocos: um deles que provoca a pensar o quanto, nos escritos e documentos da comunidade surdos, os sujeitos são fixados a uma estrutura, e no outro bloco, analisar as possibilidades de escapes, produção de diferenças. A partir disso, é possível pensar que esta escrita buscou aproximar-se de um pensamento rizomático que constitui multiplicidades, pois o rizoma:

Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído ($n-1$) [...]. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 43).

Olho para esses discursos entendendo que estes produzem verdades e instituem modos de ser, que se estabelecem por aquilo que é dito e pelas condições do dizer. Propus-me pensar o pensamento sobre as coisas para que esses discursos não sejam tomados como verdades únicas e acabem essencializando-se, pois o “grande trabalho sobre nós mesmos será o de pensar como nos tornamos o que somos, que discursos nos subjetivam, a que verdades nos amarramos (ou: que verdades nos amarram?)” (FISCHER, 2007, p.4).

Com esta pesquisa não tive a pretensão de realizar um juízo de valores dos movimentos surdos, dentro de uma escala entre o certo e o errado, nem falar em nome dos surdos, uma vez que transito em um campo teórico no qual a busca pelas certezas não acontece; porém, “isso certamente não implica “destruir” as verdades, mas implica, sim, a tarefa de desnaturalizar e desvelar o caráter sempre contingente de qualquer verdade”. (VEIGA-NETO, 2011, p.108). Vejo que a produção dos discursos nesses escritos de surdos acadêmicos não é algo tranquilo, mas traz para a arena social disputas e imposições pelo que é tido como válido ou não. O sujeito foi e está sendo produzido nesses discursos, não existindo um sujeito prévio, esperando para ser desvelado. Em suas recorrências, esses discursos narram o surdo como um sujeito que “desperta” e “descobre” a sua identidade no contato com a comunidade surda. Inspirada pela perspectiva foucaultiana, entendo o conceito de discurso enquanto um conjunto de práticas que formam os objetos de que falam e, nesse sentido, problematizo os efeitos que os discursos de surdos acadêmicos produzem e os que estão produzindo. Assim, como afirma Veiga-Neto (2007, p. 31), “o que dizemos sobre as coisas nem são as próprias coisas [...], nem são uma representação das coisas [...]; ao falarmos sobre as coisas, nós as constituímos”.

Utilizo diversas vezes as expressões “fugir, fazer fugir, escapes” e, tais palavras, possuem um sentido singular para esta pesquisa, uma vez que olho para os sujeitos que fogem, que escapam de uma norma. Por isso, penso que neste momento se faz relevante uma

breve definição sobre o entendimento que estas expressões tomam na pesquisa. Recorri ao “Vocabulário de Deleuze” e trouxe uma definição que se aproxima do que busco expressar:

Fugir é entendido nos dois sentidos da palavra: perder sua estanquidade ou sua clausura; esquivar, escapar. Se fugir é fazer fugir, é porque a fuga não consiste em sair da situação para ir embora, pois[...] fazer a situação fugir implica obrigatoriamente uma redistribuição dos possíveis que desemboca - salvo repressão obtusa - numa transformação ao menos parcial, perfeitamente improgramável, ligada à imprevisível criação de novos espaços-tempos, de agenciamentos institucionais inéditos. (ZOUURABICHVIL, 2004, p.30)

Ligado a isso, ressalto que esses sujeitos que fogem e escapam não rompem com a militância surda, com a causa surda, pois continuam na comunidade surda. Porém, produzem um outro jeito de se conduzirem, que está na ordem do *ser* e não da identidade. Na próxima seção farei uma discussão a partir daquilo que vem produzindo os sujeitos e que está na ordem da identidade.

2. “NADA DE NÓS, SEM NÓS”: nós é comunidade, nós é identidade, nós é militância, nós é estrutura

*“O consenso está instaurado quando, em nome da
igualdade, a diferença é negada, apagada”
(GALLO, S/D, p.12).*

Percebo o movimento surdo constituindo-se amparado no lema: “Nada de nós, sem nós” ¹⁴, enunciado este que vem atravessando os discursos das comunidades surdas. Conforme Klein:

As comunidades surdas [...] se constituem através de um comprometimento com a língua de sinais, com a cultura surda e suas estratégias de compreender e se relacionar com os outros indivíduos surdos e com o mundo. Há um desejo defensivo na experiência da comunidade, onde o uso do “nós” é uma tática eficiente e desejada de defesa e de construção de identidades e de culturas (KLEIN, 2006, p.139).

Essa máxima “Nada de nós, sem nós” não estaria atrelada a um desejo de discurso legítimo, verdadeiro e autorizado de alguns sujeitos? Que condições de produção dessa máxima possibilitam que esse discurso circule na comunidade surda? Que subjetividades esses discursos vêm produzindo e a que servem à comunidade surda?

A cultura surda vem se constituindo como uma bandeira de luta dos movimentos surdos que reivindicam o seu reconhecimento, como também perpassa os ambientes da pesquisa acadêmica¹⁵. Segundo Karnopp; Klein; Lunardi-Lazzarin:

A cultura do reconhecimento é de importância crucial para as minorias

¹⁴Lema das pessoas com deficiência na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência de 2002 a 2005- ONU.

¹⁵Um exemplo é o Projeto de pesquisa interinstitucional (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Universidade Federal de Pelotas/Universidade Federal de Santa Maria) intitulado: “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira” (Programa Pró-Cultura – CAPES/MINC) e que teve como objetivo mapear, coletar e analisar as produções culturais das comunidades surdas brasileiras, assim como dar visibilidade a tais produções. (2009-2012). Além desse projeto de pesquisa, encontramos várias produções como artigos e livros que tem por foco a descrição ou análise da cultura surda Como exemplo trago: “Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade” (SILVA, César Augusto de Assis. São Paulo: Terceiro Nome, 2012) e “As imagens do outro sobre a cultura surda” (STROBEL, Karin. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008).

linguísticas que desejam afirmar suas tradições culturais e recuperar suas histórias reprimidas. Esse fato, entretanto, nos aponta os perigos da fixidez e do fetichismo de identidades no interior da calcificação da própria cultura, no sentido de trazer uma visão que celebra o passado ou uma homogeneização da história do presente. (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p.20).

É recorrente, tanto nos escritos quanto nos documentos, o uso do conceito de cultura surda sempre atrelado à língua de sinais e à comunidade surda, mas principalmente ao conceito de povo surdo, sendo condição *sine qua non* para a existência dos sujeitos surdos:

destaco a importância da participação do povo surdo nos processos de expansão da educação em Língua de Sinais e da cultura surda [...] é preciso que haja na escola, um permanente debate em torno da cultura linguística, da história, da identidade, da diferença, da educação e das questões que envolvem o universo do povo surdo (RANGEL, 2012, p.221).

A ideia de “povo surdo” é algo que parece naturalizado para a comunidade surda, e sempre vem associada à existência de uma identidade surda, de um *ser surdo*. Identifico essa ligação na tese de uma pesquisadora surda quando ela afirma: a “ identidade do ser surdo como sujeito do povo surdo ” (PERLÍN, 2003, p.31). Percebo esse conceito como algo legitimado, autorizado e reafirmado pelo discurso dos surdos acadêmicos, que tem se proliferado nas diferentes instâncias dos movimentos surdos. O conceito de povo surdo atravessa as produções surdas – teses, dissertações, artigos, documentos -, como exemplo trago o excerto de um livro¹⁶ de uma pesquisadora surda que descreve o que é o povo surdo e os seus artefatos culturais: “Quando pronunciamos ‘povo surdo’, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual ” (STROBEL, 2008 p.31).

A produção de uma identidade, atrelada ao conceito de povo, também pode ser observada em estudos que não ficam restritos ao povo surdo. O povo “reduz essa diversidade a uma unidade, transformando a população numa identidade única: o ‘povo’ é uno” (HARD; NEGRI, 2005, p. 12). No que diz respeito, especificamente à definição de “povo surdo”, trago um excerto que corrobora com essas suspeitas:

¹⁶ As imagens do outro sobre a cultura surda. (STROBEL, 2003).

o povo surdo que participa das comunidades surdas compartilha algo em comum, valores, normas e comportamentos [...] esse algo em comum é responsável por construir uma **identidade coletiva**, conhecida como **identidade surda** – grifos meus – (FENEIS, 2010; p 16).

Alain Touraine (2009) problematiza essa questão do “povo”, colocando que, no momento que nos obcecamos pelo nosso povo e pela defesa da nossa identidade, festejamos as diferenças e nos aprisionamos nesses fragmentos do social que são as comunidades. E quando os surdos fazem referência a “sua” comunidade, esta ideia também se faz presente: *“comunidade surda unida e representada por surdos de todo o Brasil, defende seu direito de participação efetiva na luta por um ensino de qualidade e respeito”* (FENEIS, 2011, p. 6).

Esse mesmo autor também nos fala sobre o quanto o discurso intelectual dominante (DID) define as características de uma comunidade, de um determinado tempo e, no caso do movimento surdo, é possível pensar que esse discurso ajuda na produção da militância surda. O DID é entendido enquanto um “conjunto de representações que constitui uma mediação, mas sobretudo a construção de uma imagem de conjunto da vida social e da experiência individual” (TOURAINÉ, 2009, p. 25).

O DID, nesta pesquisa, toma relação com as produções acadêmicas dos surdos e, de certa forma, produz um discurso de militância surda que vem atravessando o contexto do movimento surdo. Vejo-me também como produtora e produto destes discursos da militância. Com esta pesquisa, em que busco pensar de outras formas o que vem sendo dito, não me coloco fora desse contexto de produção de discursos, já que ao inserir-me nesse espaço da academia, da comunidade surda, do movimento surdo, também sou constituída por estes discursos. Mas ao escolher olhar para esse espaço da academia faço uma crítica que se volta a mim mesma e, em alguns momentos, convido os parceiros que compartilham deste espaço a se relacionarem com esta perspectiva.

No artigo “Incluir para Excluir”, ao falar das políticas de inclusão, Veiga-Neto (2001, p.109) propõe a problematização dessas políticas, a partir de uma atitude de hipercrítica: “como deixar claro que uma hipercrítica a tais políticas de inclusão não implica, em absoluto, uma negação a elas, não implica uma recusa à própria inclusão?” A partir disso, aproximo-me destas problematizações, entendendo que tensionar os espaços que produzem o Discurso Intelectual Dominante (academia, movimento surdo), e que produzem a militância, não é ser contra ou a favor dessas lutas, mas é a possibilidade de não tomá-las enquanto uma verdade natural. E, logo, apostar em um:

[..] tipo de desconstrucionismo que faz da crítica uma prática permanente e intransigente até consigo mesma, de modo a estranhar e desfamiliarizar o que parecia tranquilo e acordado entre todos. Estando sempre desconfiada, insatisfeita e em movimento, essa crítica radicalmente radical não se firma em nenhum *a priori* –chamemo-lo de Deus, Espírito, Razão ou Natureza –, senão no próprio acontecimento. Desse modo, a hipercrítica vai buscar no mundo concreto – das práticas discursivas e não discursivas – as origens dessas mesmas práticas e analisar as transformações que elas sofrem, sem apelar para um suposto tribunal epistemológico, teórico e metodológico que estaria acima de si mesma. (VEIGA-NETO, 2006, p. 15).

Olhar com hipercrítica para a militância é tensionar o que se tem como o ideário de luta que une o comum, a comunidade surda. É a possibilidade de se comportar enquanto um ativista - “aquele que se tortura permanentemente, sempre tentando mudar a si mesmo e, ao mesmo tempo, tentando promover a mudança nos outros” (VEIGA-NETO, 2012, p. 274) já que o tensionamento é a própria razão da sobrevivência do movimento.

Estar aberta a discordar do que pensava, pensar de outros modos, possibilitar a desterritorialização de modos de existir que me mantém segura, nessa pesquisa, não é romper com a comunidade surda, pois “cada um de nós pode se comportar ora mais como um militante, ora mais como um ativista, dependendo das estratégias que queira ou precise adotar em razão de seus propósitos políticos” (VEIGA-NETO, 2012, p. 274).

Quando tensiono a militância surda, procuro fazer um deslocamento para uma atitude de ativismo enquanto “ação, agitar, atuar e agir [...], da ordem do agir para frente, da ação para uma mudança de posição, da ação para uma outra situação diferente da que se tem”(VEIGA NETO, 2012, p. 273). Estas atitudes ativistas são possíveis de serem percebidas quando tem-se como pano de fundo o movimento surdo e a militância surda e os sujeitos buscam outras formas de ser, outras possibilidades de pensar par além da identidade. Não tenho como objetivo descartar um termo e substituí-lo por outro, nem fixar os sujeitos já que “essa diferenciação entre militância e o ativismo não implica juízo de valor e nem pensar que se trata de funções desempenhadas por pessoas diferentes” (VEIGA-NETO, 2012, p. 274). Mas é possível que se faça esse contraste entre militância e ativismo no momento que é possível buscar o ativismo dendi da militância.

Devido à hegemonia do discurso interpretativo dominante, problematizado por Touraine, evidencia-se a ideia de “uma sociologia sem atores e sem sujeitos” (2009, p.40). Esse DID também não estaria produzindo um movimento com uma identidade prévia? Esses

grupos não estariam buscando modos de identidade que tranquilizassem a sua convivência? Vê-se aí a ideia de diferença subordinada ao idêntico, a identidade, a unidade.

Olhando para essas produções acadêmicas de sujeitos surdos, é possível notar que o conceito de identidade atravessa esses escritos e tem efeitos na constituição dos sujeitos. Percebo esse conceito como algo legitimado, autorizado e reafirmado, que se prolifera nas diferentes instâncias sociais. Isso é evidenciado no seguinte excerto de Caldas (2012, p. 144): *“O lugar da construção da identidade surda são indicados nas produções acadêmicas dos surdos; ela acontece em escolas de surdos, no contato com surdos adultos, Universidades”*. O documento de 1999, “A Educação que nós surdos queremos”, também traz esse lugar onde se vai adquirir a identidade surda: *“A aquisição da identidade surda seja considerada de máxima importância, tendo em vista que a presença de professor surdo e o contato com a comunidade surda possibilitam ao surdo adquirir sua identidade”* (FENEIS, 1999, p.5).

Nesse sentido, trago Hall (2000, p. 103), com a seguinte provocação: “Quem precisa de identidade? [...] os movimentos sociais e culturais necessitam de identidade para suas ações e lutas políticas”, e, assim, entendo a afirmação de uma identidade como uma estratégia de luta, como um campo de militância política desses diferentes grupos, incluindo aí os surdos que se utilizam dessa estratégia para a reivindicação de um lugar. Porém, essa necessidade de “reafirmar uma identidade” demarca uma impossibilidade ao sujeito surdo, de vir a ser de outras formas, de se constituir de outros modos.

Wieviorka (2002) destaca a vertente cultural como uma característica que impulsiona os movimentos das minorias, reconhecendo a importância de algo que une esses grupos para a formação de uma identidade coletiva. Essa defesa das identidades como uma maneira de dar sustentação ao grupo, segundo o autor, não nega a subjetividade dos indivíduos, mas esta se encontra “subordinada à lei da comunidade” (WIEVIORKA, 2002, p. 70): *“não há identidade pura, única, como se somente houvesse uma única maneira de viver do surdo. Podemos definir identidade, mas não podemos expô-la como caso entendido como encerrado”* (ROSA, 2012, p. 22).

Para os surdos o movimento e a luta se fazem indispensáveis para a manutenção da comunidade surda: *“Nós precisamos deste movimento, pois é através deste que explicitamos nossas lutas, é como se fosse uma agitação social, no sentido de estarmos com nossos corpos em movimento e também nossas mãos, para que estejamos cada vez melhor constituídos enquanto comunidade”* (CALDAS, 2012, p.144). A luta por direitos é o que dá força ao movimento surdo, é a causa primeira das manifestações. Wieviorka corrobora ao dizer que,

“estamos pois perante uma crítica que não assenta na ideia segundo a qual seria necessário optar pelo ponto de vista da comunidade e afastar o do indivíduo, mas na ideia de uma anterioridade do 'bem' reativamente ao 'justo' (2002, p.69).

Em um dos artigos analisados é proposta a seguinte problematização: “*mas como se cria, ou melhor, como se descobre uma identidade surda?*” (ROSA, 2012, p.22). Para responder a esta indagação, a autora recorre a outro texto, de uma autora surda reconhecida na comunidade:

a convivência nos movimentos surdos aproxima a identidade surda do sujeito surdo. A união de surdos cria outras “nuvens” de relações que são estabelecidas em um parentesco com virtual. Este parentesco virtual das identidades surdas se sobressai no momento da busca de signos próprios com um vasculhamento arqueológico: proximidade surdo-surdo, entraves e conquistas na história, pensar surdos, cultura surda (PERLÍN, 1998, p. 34, apud ROSA, 2012, p. 22).

Essa busca pela fixação de um lugar, por marcar a diferença surda na identidade, ou então, esse movimento pela afirmação do ser surdo, não estaria fixando a diferença na identidade? Essa necessidade de “afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora” (SILVA, 2000, p.82). Dessa forma, o processo acaba tornando-se um fim em si mesmo, dentro de um movimento que já tem uma identidade nomeada, produzindo um único modelo de identidade surda. Ainda nessa lógica, a identidade é tida como algo que se tem ou, caso não se tenha, é preciso “descobri-la”, como explicita Rosa:

Identidade a ser descoberta se apresenta no momento em que o surdo toma contato com a cultura surda, modificando assim seu entendimento do que se é, ou ainda, é uma identidade que não está presente no sujeito surdo, mas que ele tem consciência de que existe e move-se pela conquista de tal identidade. (ROSA, 2012, p. 26).

As produções não dão ênfase apenas a questões de identidade, pois se percebe que a luta surda atravessa constantemente esses materiais, como veremos a seguir.

2.1 Os escritos atravessados pela luta...

“A cultura surda, assim como qualquer outra, é uma cultura que jamais conhecerá a tranquilidade

do viver sem luta” (LOPES; VEIGA-NETO, 2006, p. 91).

Em entrevista à Revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) *On-Line*, a socióloga Maria da Glória Gohn afirma: “enquanto houver injustiças sociais e desigualdades socioeconômicas, haverá movimentos sociais”! E, assim, decido dar início a esta seção, tentando mostrar como o movimento surdo se insere em um contexto geral de movimento social. Olho para os movimentos surdos enquanto um conjunto de ações coletivas associadas as lutas pelo direito ao uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e pela busca de um lugar enquanto atores sociais das suas reivindicações, entre outros.

O que atravessa as lutas dos movimentos sociais, nas décadas de 60 e 70 do século XX, é o “direito a ter direitos”. Em sua maioria, eram movimentos articulados por grupos de oposição ao regime da ditadura militar, grupos estes muitas vezes inspirados nos ideais da Teologia da Libertação. O final da década de 80, e início dos anos 90, são vistos pelos analistas dos movimentos sociais como um período de estagnação de tais manifestações. Uma das razões dessa observação resulta do final da ditadura militar e da conquista de alguns direitos sociais garantidos pela Constituição Federal de 1988. A partir de 1990, emergiram outras formas de organização popular, mais institucionalizadas oriundas da organização dos Fóruns Nacionais de Luta pela Moradia, pela Reforma Urbana, o Fórum Nacional de Participação Popular (GOHN, 2011), entre outros.

No atual contexto social-político há uma reconfiguração na organização dos movimentos sociais. Suas lutas estão atreladas, sobretudo, a reconhecimentos identitários e culturais. Segundo Gohn:

O novo milênio apresenta uma conjuntura social e política extremamente contraditória. O Estado alterou sua forma de relação com o setor social. De um lado, significa reconhecimento social, especialmente de identidades culturais reivindicadas pelos movimentos; de outro, passou a haver um maior controle social - de cima para baixo, pois as identidades têm sido formatadas em “políticas de identidades”, e não em processos de assegurar “identidades políticas” construídas pelos próprios sujeitos participantes. A mudança na ordem dos termos muda o sentido da ação social. As políticas públicas passaram a ser eixo estruturante das ações coletivas, organizadas sob um leque de temáticas com formas variadas (GOHN, 2010, p.2).

Trago o movimento norte-americano “*Disability Studies*” como exemplo dessa resistência dos sujeitos de se constituírem a partir do que as políticas públicas prescrevem. Tal

movimento está atrelado à luta por constituição de identidades políticas pelos próprios sujeitos dos movimentos sociais. O movimento das pessoas com deficiência diz respeito às pessoas que se posicionam a partir da experiência da deficiência e não apesar dela. Segundo Lacerda (2004, p.1), “esta posição de sujeito chamada ‘pessoa com deficiência’, vem sendo construída principalmente nos Estados Unidos e na Europa através do ativismo político e da teorização da condição eficiente como uma questão social, coletiva e decididamente cultural”.

Historicamente, os movimentos tinham como característica a necessidade do encontro presencial em um mesmo espaço físico. A internet passa a ser uma potencializadora de novos espaços de articulação dos movimentos, possibilitando lugares que “permitem também novas formas de alianças, o que acaba aumentando as formas de mobilização, participação, interação, acesso à informação, bem como as ramificações entre os próprios movimentos sociais” (SILVEIRA; AMARAL, 2012, p.6). O movimento se apropria da rede e novos conceitos são criados para dar conta desse novo espaço de mobilização. Um exemplo disto é o ciberativismo, “o uso da Internet por movimentos politicamente motivados” (VEGH *apud* SILVEIRA; AMARAL, 2012, p.5), que possibilita a qualquer pessoa tornar-se um ciberativista. Nesse sentido, “de um simpatizante da causa, os sujeitos que vão aos atos de protesto poderão se tornar ativistas de um novo movimento social” (GOHN, 2012, p.10). As redes sociais possibilitam aos sujeitos exercer esse ativismo sem a necessidade de inserção física em manifestações de rua.

Dois dos documentos que trago como pano de fundo das análises, “Reivindicações da Comunidade Surda Brasileira” (2011) e a “Carta Aberta ao Ministro da Educação: elaborada pelos sete primeiros Doutores Surdos que atuam nas áreas de Educação e Linguística” (2012), foram produzidos utilizando como meio de contato a internet. O blog “Sinalizando a Educação e a Cultura Surda”¹⁷ foi um dos espaços de organização do movimento, em favor da educação e da cultura surda no ano 2011, no qual vários vídeos sobre a oposição dos surdos em relação ao fechamento do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)¹⁸ foram postados nas atualizações do YouTube e do Facebook. No blog, também era possível assinar petições online, seguir os envolvidos na causa surda nas redes sociais, ter acesso aos vídeos produzidos pelos organizadores das manifestações e juntar-se ao movimento surdo como colaborador.

¹⁷<https://sinalizandodf.wordpress.com>

¹⁸O INES foi a primeira instituição criada especialmente para surdos, fundada no ano de 1856, é considerada o “berço da cultura surda” brasileira.

2.2 Algumas conquistas...

Os surdos têm regulamentada e formalizada, a conquista dos seus direitos linguísticos, com a oficialização da Lei 10.436/2002 – Lei de Libras (BRASIL, 2002) – e regulamentação desta com o Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005). A partir da obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura,¹⁹ é criado, para atender essa demanda, o Curso de Graduação em Letras-Libras na modalidade de educação a distância. A primeira turma de Licenciatura do curso ingressou no ano de 2006, formando, em 2011, 450 professores para o ensino de Libras. Em 2008, uma nova turma ingressa no curso, que, desta vez, formou 450 licenciados e 450 bacharéis em Letras-Libras no ano de 2012.

Anterior a isso e com o objetivo de qualificar instrutores, professores e tradutores/intérpretes de Libras, foi criado o Exame de Proficiência em Língua Brasileira de Sinais (Prólibras). Essa iniciativa é decorrente de “uma combinação de um exame de proficiência propriamente dito e uma certificação profissional proposto pelo Ministério da Educação como uma ação concreta prevista no Decreto nº. 5.626/2005, que regulamenta a Lei n. 10.436/2002, chamada 'Lei de Libras'” (QUADROS; SZEREMETA; COSTA; FURTADO; SILVA, 2009,p.23).

Essas políticas têm provocado manifestações e reviravoltas no movimento surdo, que se configura de diversas formas para responder às políticas. Isso ocorreu no momento em que foi promulgada a Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva (MEC/SEESP, 2008), interferindo diretamente no lugar da educação de surdos no Brasil. A inclusão educacional vem sendo gestada desde 1996, quando foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, como também em 2001, quando são criadas as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica- Resolução CNE nº 02/2001. Percebo a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2008), entendendo-a como algo que tenta:

¹⁹Art 3º do Capítulo II: A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2005).

Responder, entre tantas outras urgências, à urgência de um lugar [...] que responda às necessidades e exigências de um sistema educativo, econômico, social, político e cultural que se preocupa com o risco da exclusão social de indivíduos identificados em grupos específicos (LASTA; HILLESHEIM, 2011, p. 93).

Argumentei anteriormente, neste texto, que os movimentos das minorias têm sido atravessados, prioritariamente, por questões culturais. Nesse sentido, o movimento surdo, atrelado a “um reconhecimento cultural, que passa pela afirmação de um passado, e, portanto de uma história” (WIEVIORKA, 2002, p.40), aproxima-se dos movimentos de minorias e se afasta dos movimentos da Educação Especial.

Este afastamento pode ser visto como um dos principais motivos pelos quais se produz uma tensão entre o movimento surdo e os movimentos da Educação Especial²⁰, uma vez que o campo da educação de surdos problematiza a lógica da deficiência que se sustenta em processos de normalização que vem caracterizando historicamente a Educação Especial e, atualmente, as políticas inclusivas.

É possível ver essa tensão quando a política de Educação Especial prescreve um modelo de escolas “inclusivas” em que os surdos, em sua grande maioria, são apenas inseridos nas salas de aulas, em situação de desigualdade com colegas e professores ouvintes que não conhecem a Libras²¹. Partindo desse contexto, penso ser relevante destacar que, constantemente, as lutas dos surdos demarcam uma busca por uma escola de qualidade, em que o entendimento de inclusão é colocado em suspenso:

A oposição surda não é, portanto aos processos de inclusão, mas a tipos de entendimentos de inclusão. Os surdos resistem à inclusão, como o simples colocar no mesmo espaço físico, como o simples estar junto. Resistem à partilha do espaço quando este é destinado à normalidade (LOPES; MENEZES, 2010, p.76).

²⁰O movimento da Educação Especial está atrelado às políticas educacionais do Ministério da Educação.

²¹Em pesquisa, realizada pelo GIPES, intitulada: “A educação de surdos no Rio Grande do Sul (2008-2009)”, o grupo constatou que na capital do Rio Grande do Sul e região metropolitana, onde se concentra a maioria das escolas de surdos do Estado, 75% dos alunos só têm contato com a língua de sinais quando ingressam na escola. Essa situação não é diferente nas demais regiões, onde a maioria dos alunos surdos tem como opção educacional a escola regular, despreparada para atender às especificidades desses alunos. Ficaram evidentes na pesquisa a inexistência do profissional intérprete de língua de sinais nesses espaços escolares, assim como a frágil formação dos professores, que indica a pouca fluência ou o desconhecimento da língua de sinais para se comunicar com os alunos surdos. (THOMA; KLEIN, 2010, p.121).

Nos dias 19 e 20 de maio de 2011, ocorreu em Brasília uma manifestação promovida pelo “Movimento Surdo em Favor da Educação e da Cultura Surda”, movimento este organizado no espaço das redes virtuais, ocasião em que:

reivindicou-se o não fechamento dessas instituições [escolas especiais para surdos e o Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES] e a inserção de emendas ao texto final do Plano Nacional de Educação (PNE), documento que vai reger a educação brasileira nos próximos dez anos. As emendas buscam garantir investimentos na criação e ampliação dessas escolas, a maior participação dos movimentos sociais surdos no debate e, principalmente, o reconhecimento da cultura e da língua de sinais como patrimônio dos surdos brasileiros (GARCÊZ, 2011, p. 9).

A luta pela educação é um aglutinador que vem dando sentido à forma como o movimento surdo vem se organizando, e pode ser uma das condições de possibilidade pelas quais os textos dos acadêmicos surdos ganhem tanta força neste espaço. Nesse sentido, é possível perceber a relação do movimento social com a educação. Segundo Gohn (2011, p. 334), a relação do movimento social com a educação ocorre através de duas maneiras: “na interação dos movimentos em contato com instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo das suas ações”.

2.3 Escola Bilíngue em pauta...

Descreverei nesta seção alguns fatos que penso serem relevantes para a compreensão das razões pelas quais se deu essa tensão entre o Ministério da Educação e a comunidade surda dentro do movimento surdo, não no sentido de elencá-los em uma sequência linear, já que não tenho o objetivo de “afirmar que há um antes-agora-depois, disposto numa linearidade fundamental” (FISCHER, 2001, p.220). Mas, que existem (des) continuidades, rupturas, mudanças, enquanto características dos próprios movimentos sociais, quando “a experiência recria-se cotidianamente, na adversidade das situações que enfrentam” (GOHN, 2011, p.336).

Tomo como referência reportagens publicadas pela FENEIS, em sua revista (2010), não no sentido de dar autenticidade ao que venho narrando, mas como um espaço de possibilidade de entender como o movimento se constituiu ali. Entre os dias 28 de Março e

01 de Abril de 2010, delegados²² e observadores participaram da Conferência Nacional de Educação (CONAE), quando foram definidas propostas que serviriam de base para a elaboração do Plano Nacional de Educação. Segundo informações contidas no Regimento Interno²³ da CONAE, esta teve como objetivo geral: “propor política nacional de educação, indicando responsabilidades, corresponsabilidades, atribuições concorrentes, complementares e colaborativas entre os entes federados e os sistemas de ensino” (CONAE, 2012, p.13).

A conferência foi fruto da reunião de propostas discutidas e aprovadas em etapas estaduais e/ou municipais, quando delegados foram eleitos. A comissão organizadora nacional responsabilizou-se pela organização de um documento referência para ser objeto de debates e deliberações estruturado em seis eixos: 1) Papel do Estado na Garantia do Direito à Educação de Qualidade: Organização e Regulação da Educação Nacional; 2) Qualidade da Educação, Gestão Democrática e Avaliação; 3) Democratização do Acesso, Permanência e Sucesso Escolar; 4) Formação e Valorização dos Profissionais da Educação; 5) Financiamento da Educação e Controle Social; 6) Justiça Social, Educação e Trabalho: Inclusão, Diversidade e Igualdade. Tal documento foi discutido nas conferências municipais, regionais e estaduais e, como resultado desse processo, foram enviadas propostas de alteração, complementação ou inclusão de emendas e que, uma vez incorporadas ao texto, passaram a fazer parte do documento base que foi objeto de discussão e deliberação coletivas na CONAE.

As propostas sobre a educação de surdos foram discutidas, preferencialmente, no eixo seis: “Justiça social, educação e trabalho: inclusão, diversidade e igualdade”. O grupo dos representantes dos surdos fez um acordo, a partir de uma discussão interna, de que todos participantes do eixo votariam a favor das propostas apresentadas pelos diferentes grupos que também compunham o eixo: negros, quilombolas, Movimento dos Sem Terra, dentre outros (FENEIS, 2010).

As propostas relacionadas à educação de surdos tiveram origem principalmente na conferência da cidade de São Paulo, e foram alvo de ampla discussão, que polarizou, de um lado, adeptos da escola inclusiva e, de outro, defensores da escola de surdos. Em geral, as propostas defendidas pelos representantes da comunidade surda visavam à manutenção e criação de escolas bilíngues para surdos (FENEIS, 2010). A comunidade surda tinha alguns

²²Representantes eleitos/as nas conferências estaduais nos estados, por segmentos, com direito à voz e voto nas plenárias deliberativas da Conferência.

²³Disponível no site: http://fne.mec.gov.br/images/pdf/regimentointernoconaeversao29_10_12_formatada.pdf

representantes, eleitos nos encontros estaduais, participando da conferência e atuando na defesa dos direitos dos demais, já que “os movimentos sociais não se restringem à luta de *um sujeito* privilegiado, mas passam a existir como atores que, naquele determinado contexto de interesses e possibilidades, estão conectados” (GOSS; PRUDENCIO, 2004; p.82).

No que se refere às demandas da educação dos surdos, estavam em pauta duas propostas diferentes: uma delas estava em consonância com as políticas de educação do Ministério da Educação, que defendia o acesso e a permanência dos sujeitos surdos na escola regular, conhecida como escola inclusiva. Enquanto a outra proposta, defendida pela comunidade surda, colocava-se a favor da escola de surdos e de metodologias próprias de ensino. O grupo que defendia as propostas da comunidade surda se utilizou de uma estratégia de aliança com os demais integrantes do eixo seis, alegando que “ninguém conhece melhor a realidade do que aqueles que a vivenciam” (FENEIS, 2010, p. 22).

Nesse momento, é possível perceber que há um atravessamento dos diferentes movimentos, quando suas lutas vão ao encontro de um mesmo ideal, no caso específico, uma educação de qualidade. Em certas ocasiões, é conveniente que haja esta articulação entre os diferentes grupos, entendendo que, na contemporaneidade, “não é mais possível falar de um movimento social sem considerar sua articulação numa rede de movimentos sociais” (GOSS; PRUDENCIO, 2004, p.82).

Ao final da CONAE, três, das 11 propostas apresentadas pelos representantes da comunidade surda, foram atendidas. Nas palavras dos representantes da comunidade surda:

Nas nossas costas, depois de sairmos da plenária, os participantes do eixo seis foram chamados para uma reunião com representantes do Governo Federal e de ONG's conveniadas ao Ministério da Educação (MEC). Eles os convenceram a votar contra as propostas destacadas pelo grupo de surdos, acusando nossas ideias de segregacionistas. Os únicos movimentos que nos apoiaram até o fim foram a Liga Brasileira de Lésbicas (LBL) e a Educação do Campo (FENEIS, 2010, p.22).

Em contrapartida, além de toda a situação relatada acima, referente à CONAE, no mesmo ano, a diretora de políticas educacionais do Ministério da Educação (MEC), Martinha Claret, faz uma declaração, esclarecendo os motivos pelos quais o MEC não aceita o entendimento de Educação Bilíngue proposto pela comunidade surda. A Revista da FENEIS dá destaque a essa declaração:

O Ministério não concorda com o princípio de que a educação bilíngüe é favorecida no espaço segregado. Ao contrário, a pluralidade humana precisa estar na escola e esta precisa, cada dia mais, ter diferentes ferramentas pedagógicas que sejam capazes de desenvolver a educação plural. Perguntada sobre a importância das escolas de surdos para a valorização da cultura e da identidade surdas, a diretora respondeu que ‘do ponto de vista da educação inclusiva, o MEC não acredita que a condição sensorial institua uma cultura. As pessoas surdas estão na comunidade, na sociedade e compõe a cultura brasileira. Nós entendemos que não existe cultura surda e que esse é um princípio segregacionista. As pessoas não podem ser agrupadas nas escolas de surdos porque são surdas. Elas são diversas. Precisamos valorizar a diversidade humana’. (FENEIS, 2010, p. 23).

Esta declaração, somada aos acontecimentos da CONAE, e à iminência de fechamento das escolas específicas de surdos, foi o que mobilizou os surdos a se manifestarem em alguns dos documentos analisados nesta dissertação.

Em matéria publicada na Revista da FENEIS, nº 44, da edição de Junho-Agosto de 2011, é feita uma retomada dos motivos que levaram os “Surdos ao Planalto”:

A ameaça de fechamento da educação básica da principal escola de surdos do país, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), despertou na comunidade surda uma mobilização sem precedentes a favor da escola bilíngüe. Cerca de quatro mil pessoas estiveram em Brasília nos dias 19 e 20 de maio para pedir mais participação dos movimentos sociais na elaboração de políticas educacionais. O grande ato político e cultural, além de representar uma marca histórica nas lutas dos surdos, pode ser considerado um divisor de águas. Chamou a atenção das autoridades para a força de um povo que quer ser visto na sua diferença cultural e não na perspectiva da deficiência (FENEIS, 2011, p. 08).

Na efervescência dessa mobilização, os sete primeiros doutores surdos brasileiros elaboram um documento, reivindicando a Escola Bilíngüe para surdos. De acordo com o documento: “*surdos melhor incluídos socialmente são os que estudam nas Escolas Bilíngües, que têm a Língua de Sinais brasileira, sua língua materna, como primeira língua de convívio e instrução*” (CARTA DOS DOUTORES, 2012, p.1).

Fala-se em educação de qualidade, mas o foco do documento é a garantia do ensino da Libras como língua de instrução dos alunos surdos. Em um momento de luta, esse documento ganha legitimidade, pois é produzido por pessoas autorizadas a falar como deve ser a educação de surdos, e isto é reafirmado pelos doutores surdos: “*todos os pesquisadores sérios proclamam que as ESCOLAS BILÍNGÜES, cujas línguas de instrução e convívio são a Libras (L1) e o Português escrito (L2), são os melhores espaços acadêmicos para a aprendizagem e*

inclusão educacional de crianças e jovens surdos”(CARTA DOS DOUTORES, 2012, p.1).

Os surdos reiteram o seu entendimento de educação bilíngue, efetivado na língua natural dos surdos – a Libras- e o português na modalidade escrita como segunda língua. Segundo os doutores surdos, a proposta do MEC reduz o significado de educação bilíngue a uma mera questão linguística. Mas, e a bandeira de Educação Bilíngue defendida pela comunidade surda não estaria também atrelada apenas a uma questão linguística? Essa é uma questão colocada aqui apenas como provocação, não representando o foco da pesquisa. Independente de qual lado se está em termos de proposta, o foco que se dá à marcação identitária surda pelo viés linguístico, acaba produzindo jeitos de se narrar o surdo atrelado a uma única marca identitária, ou seja, está centrado na identidade.

2.4 Surdo produzido no movimento...

Destaco também dois momentos da história da constituição do movimento surdo, nos quais é possível perceber a recorrência de um discurso que (re) afirma qual é o surdo que se quer produzir em determinado tempo e espaço.

Um desses momentos, diz respeito ao contexto que envolveu a realização do V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos (1999), e o outro, é quando uma chapa de candidatos surdos assume a direção da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS (1987). Resolvo dar ênfase a esses fatos, pois através deles é possível observar características que atravessam as lutas surdas nas diferentes fases do movimento: as lutas por direitos, entre eles o direito a narra-se. Atrelado a isso, vejo a fixação de uma identidade nesses movimentos, como também a autorização e legitimação de um discurso dos sujeitos surdos no instante em que estes passam a ocupar o espaço da universidade. Rangel corrobora com essa inferência:

naquele momento, nossa história estava sendo narrada por nós mesmos, surdos, sem a necessidade de um ouvinte narrar por nós. Começávamos a nos sentir autônomos, empunhando o rumo da nossa própria história. Estávamos sendo militantes no âmbito da Universidade, um espaço onde a credibilidade é muito maior. (RANGEL, 2012, p.217).

O ano de 1999 é tido como um ano marcante na constituição dos movimentos surdos.

Segundo Thoma e Klein (2010, p. 110), “os anos 90 do século XX podem ser lembrados como o tempo da mobilização e do fortalecimento dos movimentos surdos no Brasil”. Ao final da década de 80, e início de 90, há lutas pelo reconhecimento da língua de sinais como primeira língua dos surdos, como também a surdez sendo narrada como diferença, tornando-se necessárias outras condições de vida e ensino para esses sujeitos.

Nesse contexto, realizou-se entre os dias 20 e 24 de abril, do ano de 1999, no Salão de Atos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos, organizado pelo Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES/UFRGS), em parceria com a FENEIS. Precedendo ao Congresso, foi realizado um Pré-Congresso, que reuniu aproximadamente 150 educadores surdos, em que estava em pauta a luta pela participação dos surdos à frente das decisões relacionadas à educação de surdos. Os surdos também contestavam a predominância de palestrantes e congressistas ouvintes nas discussões, em eventos relacionados às temáticas que envolviam os surdos.

Com a criação do NUPPES, e as interlocuções dos pesquisadores do núcleo com outras linhas de pesquisa do programa de pós-graduação daquela Universidade, se fez possível realizar deslocamentos nas representações que, até então, se tinha a respeito dos surdos e da surdez, preferencialmente vinculadas ao campo da Educação Especial.

Conforme o núcleo foi se fortalecendo em seus estudos, fortemente marcados pela linha de pesquisa de Estudos Culturais em Educação, abriram-se novos espaços para a entrada da comunidade surda na Universidade (LOPES, 2007, p. 12). Assim, percebe-se uma mudança paradigmática, no momento em que as pesquisas na área da Educação de Surdos começam a se configurar de outras formas, atravessadas por uma perspectiva cultural que passa a narrar os surdos como sujeitos de uma minoria linguística.

É possível perceber que, nesses grupos,²⁴ emerge e se consolida a articulação do movimento social com os espaços de pesquisa em Educação. Essa articulação com a academia dá ao movimento surdo uma característica peculiar, que vai possibilitar a produção de documentos, tais como: “A Educação que nós surdos queremos” (1999), e mais recentemente, “Carta Aberta dos Doutores Surdos ao Ministro Mercadante” (2012).

²⁴ As atividades do NUPPES são encerradas no ano de 2006, quando o professor Carlos Skliar retorna à Argentina. Nesse mesmo ano, no mês de junho, algumas das pesquisadoras advindas do NUPPES criam o Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos – GIPES.

Com a participação dos surdos no ambiente acadêmico, as lutas dos movimentos surdos são reconfiguradas. Os surdos se apropriam desse espaço e, através das pesquisas, são pensadas estratégias que dão sustentação a sua luta. Esse aspecto não é restrito aos movimentos surdos. Segundo Gohn:

No Brasil, uma significativa parte desses militantes – denominados ativistas – tem chegado aos cursos de pós-graduação e, mais recentemente, ocupam posições como professores e pesquisadores nas universidades, especialmente as novas, criadas nessa década na área de ciências humanas. Teses e dissertações vêm sendo produzidas por esses militantes/ativistas/pesquisadores. Muitas delas são parte das histórias que eles próprios vivenciaram (GOHN, 2011, p.336).

O discurso dos surdos, nesse momento, aproxima-se de uma ideia de ativismo, ganha autoridade, legitimidade. No movimento surdo de 1999, havia a necessidade de marcar um lugar, de dar visibilidade ao que vinha se constituindo enquanto cultura surda e, principalmente, em lutar pelo reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua oficial da comunidade surda.

Em reportagem publicada na Revista da FENEIS (1999), sobre o V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos, são destacadas a importância do reconhecimento da Libras, bem como a necessidade da participação dos surdos como uma maneira de legitimação da cultura surda. Destaco o seguinte excerto:

legitimando a importância de se considerar a Língua de Sinais como língua materna dos Surdos, bem como destacando a relevância da participação dos Surdos desde a mais tenra idade em seu grupo e em sua cultura, para o estabelecimento de sua identidade própria (FENEIS, 1999, p.21).

Também é ressaltada a necessidade de, naquele momento, alguns pesquisadores surdos:

estarem à frente da manifestação e das decisões, e para isso a participação dos ouvintes interessados ficou restrita à assistência e à observação [...] sem direito a voz e voto, uma vez que ali estavam sendo discutidos problemas de Surdos (Ibidem).

Nesse contexto, a partir da emergência de alguns conceitos, como o *ser surdo*, e, atrelado a isso, a construção de uma identidade surda, constitui-se uma virada epistemológica no entendimento sobre o que é ser surdo e sobre a surdez. E, desde então, esses conceitos atravessam as produções surdas.

Olho para esses textos produzidos no contexto da sua emergência, em um espaço de marcação da diferença. Penso ser importante destacar que essa diferença vem sendo produzida enquanto sinônimo de diversidade, pois, ela é atravessada por uma lógica binária, como é ressaltada no excerto a seguir no qual se entende o diferente como aquele que é diverso de alguma coisa: “*a construção da identidade cultural dos surdos se dará no reconhecimento de si perante seus pares surdos e perante os ouvintes*” (CALDAS, 2012, p. 142).

Como exemplo disso, trago uma necessidade de afirmação de diferença que faz uma distinção entre aquele Surdo grafado com a inicial maiúscula do surdo grafado com a primeira letra minúscula. Identifico essa oposição no livro de Padden e Humphries (1988, p.5), *O Surdo na América: Vozes de uma Cultura*, no qual os autores explicam essa diferenciação: “em letras maiúsculas a palavra Surdo quando nos referirmos a um grupo particular de pessoas surdas que compartilham uma linguagem [...] e uma cultura”, em oposição, “a palavra surdo em letras minúsculas quando nos referirmos à condição audiológica de não ouvir”. Esta distinção é encontrada em alguns textos²⁵ que tratam da educação de surdos, marcadamente aqueles escritos a partir dos anos 1990, e ainda encontrados nos escritos atuais.

Em um dos artigos aqui analisados, percebo essa recorrência, porém atrelada à oposição surdo/deficiente auditivo: “*dizer que é deficiente auditivo como se quisesse pertencer ao mundo ouvinte somente, mas sabe que não pode por ser surdo. Mascara a identidade surda com o D.A para assim tentar ser aceito, ainda que parcialmente na sociedade ouvinte*” (ROSA, 2012, p.25). Essa oposição binária que não exclui, mas captura os sujeitos surdos em posições de in/exclusão, em que um necessita da presença/relação com o outro para se tornar conhecível, não estaria sendo recorrente na contemporaneidade, mas travestida no conceito do D.A? Essas capturas produzidas no discurso, que deslocam o jeito de narrar os surdos, estão atreladas à busca para que os sujeitos se subjetivem a partir da ideia que fixa o ser surdo. O surdo que não ocupa essa posição pode ser visto como aquele que escapa aos processos de normalização da comunidade surda, entendendo normalizar no

²⁵ Como exemplo trago artigos das coleção Estudos Surdos disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/pesquisas-em-estudos-surdos/>

sentido atribuído por Silva que:

significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. (SILVA, 2000, p. 83).

Em pesquisa de mestrado, Gomes (2011) entrevista alguns surdos envolvidos nos movimentos, professores de universidades, enfim, surdos que têm um discurso considerado legítimo e autorizado dentro da comunidade surda. Nesse sentido, busquei um excerto de uma das entrevistas realizadas por Gomes (2011), com o intuito de mostrar essa necessidade que o movimento surdo tinha/tem de marcar um lugar, e que corrobora com as análises que aqui realizo. Diz o entrevistado, na pesquisa mencionada:

antigamente, essa marcação forte precisou, sim, ser feita. Foi importante a instituição desses dois espaços em certo período, pois os surdos se sentiam dominados, colonizados, e foi preciso construir uma muralha para fixar o lugar do surdo. Isso foi preciso para garantir esse espaço (excerto de entrevista, apud GOMES, 2011, p.67).

Essa luta pela ocupação de um lugar que, no ano de 1999, é marcado pela participação dos surdos no ambiente acadêmico, e também pela necessidade de os próprios surdos narrarem sua história, atravessa os movimentos surdos e é também identificada quando a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS (que, desde o ano de sua fundação, em 1977, estava sob responsabilidade de sujeitos ouvintes), passa a ser dirigida, a partir de 1987, por surdos. Desde a sua fundação, essa entidade era denominada como Federação Nacional de Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA) e, no momento em que os surdos passam a dirigi-la, eles “tomam para si próprios as rédeas dessa luta, alicerçam o processo de constituição de uma identidade grupal diversa daquela que os discursos de ouvintes até então lhes inculcavam. São surdos e não deficientes que agora ‘falam’.” (SOUZA, 1998, p.91).

Essa mudança parece estar atrelada a um direito dos surdos de nomearem-se enquanto ser surdo, marcando o lugar dos surdos numa posição binária em relação aos ouvintes. Souza (1998, p. 91) corrobora com essa inferência, ao se referir a essa tomada da direção da entidade, argumentando que ela:

simboliza uma vitória contra os ouvintes que consideravam a eles, surdos, incapazes de opinar e decidir sobre seus próprios assuntos [...]. Desnuda, ainda, uma mudança de perspectiva, ou de representação discursiva, a respeito de si próprios: ao alterarem a denominação “deficiente auditivo”, impressa na sigla FENEIDA, para “Surdos”, em FENEIS, deixam claro que recusavam o atributo que normalmente os ouvintes ainda lhes conferem, isto é, o de serem “deficientes”. (SOUZA, 1998, p. 91).

O contexto de 1999 pode ser visto com um escape, um vazamento, a produção de uma singularidade discursiva, pois dentro do discurso acadêmico educacional, que narrava os surdos a partir da perspectiva da Educação Especial, ainda arraigada a questão do déficit e de estratégias de normalização, a partir de então, passa a narrar os surdos sob uma lógica sócio-antropológica. A partir disso, naquele momento político de luta, há um tensionamento no discurso da deficiência, buscando um fortalecimento de discursos culturais com o objetivo de dizer outras coisas, e de outras formas, sobre os surdos e a surdez.

O que se vê, no contexto atual, é uma captura desse discurso na identidade, na militância, na cultura surda, na comunidade surda. Penso que, na contemporaneidade, esse conceito de identidade aprisiona, engessa o sujeito, por isso proponho “pensar a diferença em si mesma e na relação do diferente com o diferente, independentemente das formas da representação que as conduzem ao Mesmo e as fazem passar pelo negativo” (DELEUZE, 2006, p. 16).

Essa recaptura também pode ser vista quando, nos escritos, se percebe a potência para a produção da diferença, mas em seguida isto é interrompido, bloqueado, fixado na identidade. Nesse sentido, se produz uma identidade finalizada e não um devir, pois como nos provoca Deleuze (2011, p.2) “se o finalizassem não mais *viriam a ser*, mas seriam...”. Nos escritos surdos de Perlín e Reis, vemos esta recaptura a partir da recolocação dentro de uma lógica binária de se ser uma coisa ou outra: “*Os deficientes auditivos, um outro grupo que não é surdo, mas que no contemporâneo se identifica como intermediário; este grupo não precisa de identidade surda, dos artefatos culturais surdos deve ser encaminhado aos artefatos ouvintes*” (2012, p.36).

O contexto da década de 90 também pode ser narrado como o momento em que os pesquisadores surdos entram no contexto acadêmico e passam a produzir um discurso de militância que “limita”, que engessa, que impossibilita os sujeitos de vir a ser de outras formas, vendo neles as possibilidades de fechamento no mesmo e não de proliferação da

multiplicidade. “*Nós, surdos, militantes das causas dos nossos compatriotas surdos, apelamos a Vossa Excelência pelo nosso direito de escolha da educação que melhor atende aos surdos brasileiros que têm a Libras como primeira língua*”. (CARTA DOS DOUTORES, 2012, p.1).

Nos excertos analisados até aqui, foi possível perceber uma obstinação pela defesa da comunidade surda, do povo surdo, em que a diferença é festejada. E, neste festejo, os surdos acabam por se posicionar na mesmidade, impossibilitando outros jeitos de se narrar e de vir a ser.

Na próxima seção invisto na tentativa de olhar, nos escritos dos surdos, para os discursos que escapam à fixação de uma estrutura.

3. ESCAPA e ESPARRAMA e DERRAMA...

“fazer fugir, deixar a diferença fazer os seus jogos”. (PARAÍSO, 2005, p.14)

Os excertos analisados até aqui, são aqueles que podem ser expostos como recorrentes nas produções surdas, sendo atravessados por um discurso atrelado ao conceito de identidade, no qual a diferença é vista como diversidade, sendo festejada e capturada no diferente. Esse diferente é identidade e não diferença, pois é preciso explicar, descrever, hierarquizar através do discurso excludente, que tenta fixar uma identidade e constantemente reafirmá-la. A diferença surda, tematizada nos textos de acadêmicos surdos, é a diferença entendida como identidade que captura, aprisiona, fixa e que é entendida como diversidade. Diversidade remete sempre a uma referência. “A diversidade cultural acaba se constituindo, também, numa “categoria ontológica” do ser, num objeto de nossa curiosidade, o qual pretendemos explicar, desmistificar, capturar para dentro de nossas referências, tirando-lhe o mistério e o perigo que este acarreta” (KLEIN, 2003, p. 99).

Nesta seção, vou olhar para aquilo que escapa, para as singularidades, e de certa forma, o que não é recorrente. Estes estão na ordem do Acontecimento, da multiplicidade, do devir, das linhas de fuga... O movimento feito aqui não está atrelado ao que é recorrente e que se repete nos escritos surdos, mas ao que se distingue pela raridade.

Não pretendo que esta seção seja algo que se oponha a anterior, combatendo uma identidade surda ou a comunidade surda. Mas, a partir das análises dos discursos de surdos acadêmicos, busco perceber as possibilidades de os sujeitos se constituírem de outras formas. Penso ser pertinente frisar que, essas outras formas, não são as que se opõem a identidade surda, nomeadas pelo movimento, mas sim possibilidades de produção de singularidades que aparecem a partir dos tensionamentos do movimento surdo. Segundo Foucault (2004, p. 266), “se devemos nos colocar em relação à questão da identidade, deve ser enquanto somos seres únicos. Mas as relações que devemos ter com nós mesmos não são relações de identidade; devem ser relações de diferenciação, de criação, de inovação”.

Investi nessa pesquisa, na potência desses escritos, para produção da diferença. Não irei localizar a diferença ou o lugar o qual ela ocupa, pois a diferença, aqui, neste trabalho, é entendida como uma possibilidade de vir a ser. Ela não está fixada nos sujeitos.

Tomaz Tadeu, em seu artigo “Tinha horror a tudo que apequenava...”, argumenta que em contraste com a concepção que entende a diferença entre duas coisas ou dois termos, Deleuze vai insistir na concepção de uma diferença pura, da diferença em si (TADEU, 2012, p.8). Nesse momento, trago esse entendimento de diferença com o objetivo de, mais uma vez, apresentar o “não-lugar” no qual me posiciono. Esse “não-lugar” no qual as certezas e as verdades só existem para serem colocadas, permanentemente, em suspenso, que nos tira o chão, nos coloca no (des)caminho e nos possibilita o constante pensar o impensável. Foucault, ao falar sobre a atividade filosófica, faz a relação desta com o trabalho do pensamento sobre o próprio pensamento: “se ela não consiste, ao invés de legitimar aquilo que já se sabe, num empreendimento de saber como e até que ponto seria possível pensar de outro modo?” (1994, p.13).

A partir desse entendimento, invisto na possibilidade do sujeito potente que se desprende e se afasta das amarras que o prendem às estruturas previamente organizadas, “que defendem e constroem sua singularidade, e dando, através de [...] atos de resistência, um sentido a [...] existência” (TOURAINÉ, 2006, p. 123). Dentro dessa perspectiva, o sujeito é singular, peculiar, íntimo de cada ser; e o indivíduo é massificado, categorizado, coletivizado.

Olhar para o sujeito, na sua singularidade é potencializar o “*ato de subjetivação é, assim, o nome que se pode dar aos efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que operam para transformar o sujeito em suas variadas formas ou jeitos de ser sujeito surdo*” (PERLÍN; REIS, 2012, p. 42). Essas forças, que as autoras surdas colocam, são potentes para fazer fugir, para os escapes que rompem com aquilo que é esperado pela normatividade.

Ainda sobre a ideia de força, é possível conectá-la com a produção da diferença, já que “o relevante para a diferença é a singularidade, o fluir de forças, a transgressão” (PARAÍSO, 2005, p.3). A partir do entendimento de diferença, lançado pelo autor Gilles Deleuze, de que não é falta, não é identidade, não é comparação e sim uma diferença sem outro; é a diferença em si. É devir, multiplicável, criadora... É movimento!

Quando escolho olhar para as singularidades produzidas nos escritos surdos, percebo que o “*sujeito está sempre em movimento em busca de forças que lhe permitem transformação*” (PERLÍN; REIS, 2012, p.35), e acrescento que esse movimento faz com que, mesmo dentro de uma estrutura de comunidade, diferenças sejam produzidas. No momento que essas estruturas vêm produzindo um modelo, uma norma surda, é travada uma luta para abafar, conter os desvios, as fugas. E, aqui, estas produções de desvio podem ser entendidas

enquanto processos de singularização.

Peter Pelbart (1993, p.60) define a ética da singularidade, na qual se diz que é possível “não apenas acolher as diferenças constituídas, sejam elas individuais ou coletivas, mas produzir novas diferenciações, fazer do homem um grande experimentador, um afirmador de modos de existência singulares” (PELBART, 1993, p.60). Nesse sentido, esses escritos surdos não são uma reunião de diferenças, ou uma estrutura fixa e determinada. Não são uma coisa nem outra, mas possibilidades de se estar sendo sujeitos, nesse contexto de luta política que atravessa as produções surdas. Por isso, não estou buscando uma unidade dos escapes e nem quero mostrar o jeito como os surdos escapam, fazem fugir.

Operar em multiplicidade é, de certa forma, desconsiderar toda e qualquer característica que remeta a unidade, pois, “a multiplicidade não deve designar uma combinação de múltiplo e de um, mas, ao contrário, uma organização própria do múltiplo enquanto tal, que não tem necessidade alguma da unidade para formar um sistema” (DELEUZE, 2006, p. 236). A multiplicidade possibilita que se seja singular sem estar preso a uma identidade.

Por isso, a insistência em problematizar conceitos como comunidade ou qualquer outro que venham ao encontro dessa ideia de estrutura e unidade, que acaba por bloquear possibilidades de produção de diferenças. Não é opor-se a esses conceitos, mas problematizá-los, tensioná-los para que não sejam tomados enquanto verdades naturalizadas que estiveram desde sempre aí.

A ideia de comunidade está fortemente relacionada à segurança que esta oferece aos seus membros, em nome de uma não liberdade que aprisiona, essencializa, naturaliza, e fixa um *ser surdo* ideal. Os tensionamentos de Bauman (2003), acerca do conceito de comunidade, são possibilidade de interlocução com as problematizações relativas ao conceito de comunidade surda já que “em nome de todo o bem que se supõe que essa comunidade oferece exige lealdade incondicional e trata tudo o que ficar aquém de tal lealdade como um ato imperdoável de traição” (BAUMAN, 2003, p. 9). O escrito surdo rompe com esse discurso ao afirmar que “*o lugar desapareceu, a segurança se dá ironicamente em um meio não seguro, onde nada se segura*” (SCHALLENBERGER, 2012, p.81).

Também ressalto que os sujeitos têm vivenciado saídas para não se deixarem capturar. “*diferente dos movimentos surdos que vivenciei há alguns anos, parece que uma grande quantidade de informações têm se colocado aos surdos e feito com que novas formas de*

entrar em contato com a cultura possam surgir” (SCHALLENBERGER, 2012, p.78). Esse surgimento, de “novas formas de entrar em contato com a cultura”, não é pensar sempre o mesmo, de novo, mas “o que se estabelece no novo não é precisamente o novo, pois o próprio do novo, isto é, a diferença, é provocar no pensamento forças que não são as da reconhecimento, nem hoje, nem amanhã, potências de um modelo totalmente distinto, numa *terra incógnita* nunca reconhecida, nem reconhecível” (DELEUZE, 2006, p.225).

Pensar de outros modos é poder pensar outros caminhos, outras escolhas, outras formas de ser conduzido; é encontrar saídas, é sair estrategicamente pelas fronteiras e não se deixar capturar: *“há caminhos distribuídos, há caminhos que levam algo que é conhecido como sentimento e não existe apenas um sentimento”* (VILHALVA, 2012, p. 60).

Foucault propôs o uso do termo “Contraconduta”, entendido como a luta dos sujeitos para serem conduzidos como convém e para onde convém (FOUCAULT, 2008). Os escapes produzidos nos escritos surdos não fazem referência diretamente a sujeitos específicos, mas possibilitam outros caminhos, outras escolhas. Também não narram sujeitos que se revoltam ou são contrários às lutas surdas. Mas eles possibilitam pensar que os sujeitos vivem a luta surda, o espaço da comunidade surda, mas não se constituem a partir de algo que já está dado.

O sujeito que pensa de outros modos, e que caminha por outros caminhos, é aquele que se revolta contra essa situação, pois que não aceita a sua condição de indivíduo que fica a mercê de uma estrutura. “O sujeito não é um puro exercício de consciência, ele tem a necessidade do conflito para que ocorra a ação coletiva” (TOURAINÉ, 2006, p. 130). Em um dos escritos isto pode ser observado: *“Vivemos um ser desconjuntado, isto é, não somos falantes, somos sinalizantes, andamos no centro e na margem das culturas, não somos o que os outros falam de nós, somos aquilo a que nos leva o totêmico em agenciamento do ser”* (PERLÍN; REIS, 2012, p.35).

De acordo com Parnet e Deleuze (1998, p.107), “agenciamento é precisamente uma multiplicidade”. No momento que percebo no escrito surdo, a utilização da palavra *agenciamento*, penso que também por isso se produziu um escape, já que entre as dimensões²⁶ que compõe um agenciamento estão os movimentos de desterritorialização. Penso ser pertinente destacar que, a produção desses escritos, é feita na relação com uma segunda língua e, no caso específico, o português na sua forma escrita. No momento em que alguns autores

²⁶As quatro dimensões do agenciamento: estado de coisas, enunciações, territórios e movimentos de desterritorialização. Para Deleuze desejar é construir agenciamentos.

surdos se utilizam de metáforas para dar outros sentidos ao pensamento eles, de certa forma, produzem outros territórios para traduzir este pensamento da Língua de Sinais para o português. Com isso, não estou dizendo que o uso das metáforas é a razão da produção de diferenças nos escritos, mas que é uma possibilidade entre tantas outras. E, que, em alguns momentos, deixa espaços para as brechas, para fazer vazar.

Nesses movimentos de desterritorialização é possível pensar nos sujeitos enquanto singularidades que lutam para “*mostrar que somos capazes de sermos tudo [...] artistas e muitos de nós já o é, mas queremos poder mostrar isso e queremos espaço para fazer isso.*” (CALDAS, 2012, p.144). Nesse sentido, “as singularidades se deslocam, se redistribuem, transformam-se umas nas outras, mudam de conjunto” (DELEUZE, 2011, p. 56).

Diante disso, percebo que os sujeitos não são únicos e fixos, mas que a “*flexibilidade do ser sujeitos surdos se torna líquida, própria dos contextos pós-modernos construídos e desconstruídos*” (PERLÍN; REIS, 2012, p.33). Os sujeitos se reorientam permanentemente na busca de outros modos de existir, de ser, nesta contemporaneidade. As singularidades não são aprisionadas em identidades fixas, elas são livres e nômades. Por essa razão, nesse fluxo contínuo, elas saltam de uma para a outra e não se deixam capturar.

Esses fluxos que percorrem os escritos surdos possibilitam a renovação do movimento surdo. Porém, há sempre o risco de que essas invenções sejam capturadas e transformadas em novas referências a serem, simplesmente, reproduzidas pela comunidade.

Diversas são as tentativas buscam fixar a identidade surda que buscam fixar a potência da produção de singularidades, dando-lhes uma determinada direção. Mas também é visto que há (des) caminhos para que os sujeitos se esquivem desses processos de normalização, inventando novas linhas de fuga, produzindo outros modos de *ser* sujeito.

Chegando ao final desta seção, ressalto que as discussões não se esgotam aqui, mas a partir do que foi proposto é preciso provocar o pensamento, tensionado a partir da seguinte questão: isso funcionou? Fez pensar?

Assim, recorro mais uma vez a Deleuze (2011), e encerro esta seção, ressaltando o que busquei com esta pesquisa: fazer aparecer as singularidades.

O que é um acontecimento ideal? É uma singularidade. Ou melhor: é um conjunto de singularidades, de pontos singulares que caracterizam uma curva matemática, um estado de coisas físico, uma pessoa psicológica e moral. São pontos de retrocesso, de inflexão etc.; desfiladeiros, nós, núcleos, centros; pontos de fusão, de condensação, de ebulição etc.; pontos de choro e

de alegria, de doença e de saúde, de esperança e de angústia, pontos sensíveis, como se diz. (DELEUZE, 2011, p. 55)

Na próxima seção, é preciso que algo seja dito! Este algo não é a verdade ou a conclusão que se chega a partir das análises realizadas. Este algo são as possibilidades de pensamento, produzidas no momento que se propôs sair da zona de conforto. Que outros jeitos de olhar a Educação de Surdos são possíveis quando nos afastamos do campo dos Estudos Surdos, nosso território confortável? É isto que se pretende dizer: dos movimentos que se fez, ou pelo menos que se tentou fazer; de alguns afastamentos e de algumas aproximações. O que se produziu quando os tapetes foram puxados, balançados?

SERÁ QUE VAZOU?



Chego ao final desta dissertação carregada de instabilidade, provisoriedade, mas destaco que o que “importa, hoje, ressaltar outros movimentos, espécies de modulações, ondas de autodeformação contínua, que se fixam ora em modos mais impermeáveis, ora em outros mais abertos e porosos. Haveria linhas de fuga, saídas, novos espaços de resistência e invenção” (HENZ, 2009, p.141).

Quando inicio esta seção com a questão “Será que vazou?” não estou buscando responder sim ou não, mas discutir que nos entre espaços das estruturas que constituem o movimento surdo, também existem possibilidades. Por isso, não irei responder o que realmente é a diferença ou onde esta se localiza, mas mostrar o quando os escritos dos surdos acadêmicos são constituídos de escapes, identidades, fugas, estruturas...

Com esta pesquisa, me propus a estranhar o que vem sendo aceito como normal e, assim, pensar de outras formas, investindo na potência dos escritos surdos para criar outros modos de existir. Nesse sentido, aproximei-me de outros conceitos que possibilitaram pensar sobre como os discursos de surdos acadêmicos vêm produzindo outros modos de ser no movimento surdo.

Procurei olhar para os documentos elaborados pela comunidade surda e para os escritos dos surdos acadêmicos, a partir de outro referencial teórico, tentando produzir, dessa forma, o novo. “O novo... Quando ele aparece, não tem relação com coisa alguma. Diferentemente daquilo que está sendo destituído. Por isso, é dito novo. Assusta quando te

chega tudo novo de novo. Exatamente porque é novo” (RODRIGUES, 2006, p.153).

No momento em que os escritos dos surdos acadêmicos são utilizados para dar sustentação e justificar as lutas do movimento surdo, por meio da elaboração de documentos, eles têm uma finalidade específica na luta política, quando “os membros de uma minoria que exigem ter acesso à universidade em nome de uma política preferencial de *Affirmative action*²⁷ poderão em seguida reclamar que se conceda um lugar maior e mais justo à história da sua minoria, à sua literatura, à sua língua” (WIEVIORKA, 2002, p.112).

Quando olho para a coletânea, em outro espaço de produção textual, que segue regramentos do espaço da pesquisa acadêmica, este tem permitido a desamarra da captura. O texto dos surdos acadêmicos possibilita a produção da diferença, mesmo atravessado pela militância; estes possibilitam pensar de outras formas. São nesses “entre lugares” que estão as possibilidades, e esse “entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 49).

Diante dos materiais que escolhi analisar, pude perceber que nos documentos é recorrente a referência a uma identidade surda, a defesa da comunidade surda como uma maneira de marcar um lugar. Isso acaba capturando os sujeitos em uma estrutura previamente estabelecida. Nos escritos acadêmicos, também é possível notar essa captura, já que estes também estão atrelados às lutas do movimento e, às vezes, na posição de militante-líder da causa surda se atravessa o pesquisador acadêmico. Penso que, ao problematizar os escritos surdos, também tensiono o movimento surdo, pois este vem se amparando nos discursos produzidos na academia para sustentar suas lutas.

Penso ser pertinente falar, ao final desta pesquisa, do que foi feito! Não irei dizer o que poderia ter sido realizado e não foi. Pois, realizei esta pesquisa com o intuito de provocar o pensar...possibilitar pensar de outros modos! Poderia ter dito outras coisa ma é preciso recortar, fazer escolhas e , de certa forma, firmar alguns achados.

Trabalhei na coexistência de duas grandes: identidade e diferença. A partir disso, assumi uma atitude de pesquisadora que possibilitou que para afirmar uma concepção não é

²⁷ “Não se destina a assegurar o reconhecimento das culturas [...]. Entende, nem mais nem menos, lutar contra as desigualdades sociais quando estas se baseiam ou são reforçadas pela discriminação racial” (WIEVIORKA, 2002, p. 109).

preciso que se destrua uma outra. Nesse sentido, ocupei-me de pensar o que está no meio, o “E” , que está *entre* identidade e diferença.

Estes “seres desconjuntados” vivem o constante tensionamento militância/ativismo, identidade/diferença. Não tem como distinguí-los, separá-los, hierarquizá-los, eles estão imbricados!!! Simplesmente vivem suas desconjunturas nos entre espaços, nos fluxos, nos escapes...

Chegando a este momento de finalização de escrita, reitero que a diferença não é localizável e ela não está no sujeito. A produção da diferença é da ordem das possibilidades, do devir, pois ela nunca chega, não fixa, não acaba, não captura.

Sendo assim, deixo este trabalho aberto a novas possibilidades de criação e invenção!

***“[...]não seja uno nem múltiplo, seja
multiplicidade! Faça linha e nunca o ponto!”
(DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.48).***

REFERÊNCIAS:

ALLIEZ, Éric. **Deleuze filosofia virtual**. Tradução Heloísa B.S. Rocha. São Paulo: Ed. 34, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2003

CALDAS, Ana Luiza Paganelli. Identidades Surdas: o identificar do surdo na sociedade. In:PERLIN, Gládis; STUMPF, Marianne. (orgs.). In: **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. Curitiba-PR: CRV, 2012, p. 139-148.

CAMPELLO, Ana Regina; PERLÍN, Gládis; STROBEL, Karin; STUMPF, Marianne; REZENDE, Patrícia; MARQUES, Rodrigo; MIRANDA, Wilson. **Carta Aberta ao Ministro da Educação**: elaborada pelos sete primeiros doutores surdos brasileiros, que atuam nas áreas de Educação e Linguística. Junho/2012.

CARDOSO, Livia de Rezende. Nos rastros de uma *bruxa*, compondo *metodologias alquimistas*. In: MEYER, Dagmar Estermann e PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte (MG), Mazza Edições, 2012, p.219-242.

COSTA, Marisa; SILVEIRA, Rosa; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, maio-agosto, nº 23, 2003. Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo, Brasil, p. 36-61.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol.1. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luís Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos Pré-Congresso do V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos. In: **Revista da FENEIS**. Rio de Janeiro: Ano I, n. 3, Julho/Setembro, 1999, p.21-22.

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. **A educação que nós surdos queremos**. Documento elaborado no pré-congresso ao V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos. Porto Alegre (RS): UFRGS, 1999. (Texto digitado).

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. **Revista da FENEIS**. Rio de Janeiro: n.40, Junho/Agosto, 2010.

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. **Reivindicações da Comunidade Surda Brasileira**. Documento elaborado pela diretoria da FENEIS e enviado ao Ministro da Educação em 19 de maio de 2011. (Texto digitado).

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. **Revista da FENEIS**. Rio de Janeiro: n.44, Junho/Agosto, 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **A dimensão estática na atuação e formação docente: Cinema e TV na formação ético-estética docente**. 30ª Reunião Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação-ANPEd, 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 114, Novembro/ 2001, p. 197-223.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**: Curso dado no College de France (1977-1978). Tradução: Eduardo Brandão. Edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de Francois Ewald e Ajessandro Fontana; tradução Eduardo Brandao; revisão da tradução: Claudia Berliner. - São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Tópicos).

FOUCAULT, Michel. Sexo, poder e a política da identidade. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. In: **VERVE: Revista Semestral do NU-SOL** - Núcleo de Sociabilidade Libertária/ Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP, n. 5. São Paulo: o Programa, 2004. Disponível em: <<http://www.nu-sol.org/verve/pdf/verve5.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade Vol. 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1994, p. 13.

GALLO, Sílvia. **Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença**.

Campinas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), s/d.

GARCÊZ, Regiane. Um ato político e cultural. In: **Revista da Feneis**. Jun-Agos: 2011, p.8-22.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Educação**. 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012 – (Coleção questões da nossa época; v.37).

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. v. 16, n. 47, p. 333-513, Maio/Ago. 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Os movimentos sociais na conjuntura social e política**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) On-Line. Entrevista, 2010. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3134§ion=325. Acessado em: 17 abr. 2013.

GOMES, Anie Pereira Goularte. **O imperativo da cultura surda no plano conceitual: emergência, preservação e estratégias nos enunciados discursivos**. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria: CE/PPGE, 2011.

GOSS, Karine; PRUDENCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitado. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. vol. 2, n. 1, Janeiro/Julho 2004, p. 75-91.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Tomaz Tadeu (Org). **A identidade e a diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.p. 103-133

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do Império**. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HENZ, Alexandre de Oliveira. Formação como deformação: esgotamento entre Nietzsche e Deleuze. **Revista Mal-estar e Subjetividade**: Fortaleza, vol. IX, n.1, Mar/2009, p. 135-159 – mar/2009.

KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira. In: _____. **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

KLEIN, Madalena. Diversidade e Igualdade de oportunidades: estratégia de normalização nos

movimentos sociais surdos. In: LOPES, Maura; THOMA, Adriana (orgs.). **A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006, p. 125-142.

KLEIN, Madalena. **Tecnologias de Governo na Formação Profissional dos Surdos**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: FAGED /PPGedu, 2003.

LACERDA, Patrícia Monteiro. O olho invisível que nos vê: a narração da sociedade a partir da experiência da deficiência. In: **1º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação – 1º SBECE**. Canoas/RS: ULBRA, 2004, p. 1-14.

LASTA, Letícia; HILLESHEIM, Betina. Políticas Públicas de Inclusão Escolar: a produção e o gerenciamento do anormal. . In: THOMA, Adriana da Silva; HILLESHEIM, Betina (orgs). **Políticas de inclusão: gerenciando riscos e governando as diferenças**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. **Para pensar de outros modos a modernidade pedagógica**. Dossiê Foucault e a educação – é preciso pensar e agir de outros modos. Revista ETD – Educação Temática Digital da Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, v.12, n.1, p.147-166, Jul./Dez. 2010.

LOPES, Maura; MENEZES, Eliana. Inclusão de alunos surdos na escola regular. In: LOPES, Maura; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia; MACHADO, Fernanda. (Orgs.) **Cadernos de Educação**. Pelotas: Ed. UFPel, 2010.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. **Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar**. In: Perspectiva, Florianópolis (SC), volume 21, edição especial – Jul./Dez. 2006, p. 81 – 100.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, T. **Deaf in America: voices from a culture**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann e PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte (MG), Mazza Edições, 2012, p. 23-45.

PARAISO, Marlucy Alves. **Diferença em si no currículo**. 28ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 2005. p.01-17.

PELBART, Pál Peter. **Um mundo no qual acreditar**. In: Cadernos de Subjetividade/Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP- v.1, n.1, 1993.

PERLIN, Gládis; STUMPF, Marianne. (orgs.). **Um olhar sobre nós surdos**: leituras contemporâneas. Curitiba-PR: CRV, 2012.

PERLÍN, Gládis; REIS, Flaviane. **SURDOS**: cultura e transformação contemporânea. In: PERLIN, Gládis; STUMPF, Marianne. (orgs.). **Um olhar sobre nós surdos**: leituras contemporâneas. Curitiba-PR: CRV, 2012, p. 29-46.

PERLÍN, Gládis. **O ser e o estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: FAGED/PPGedu, 2003.

POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA. **Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial**. Janeiro de 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politica_educacional.pdf. Acesso em: 20 nov. 2012.

QUADROS, Ronice; SZEREMETA, Júlio; COSTA, Edemir; FURTADO, Olinto; SILVA, João. **Exame Prolibras**. Florianópolis, 2009.

RANGEL, Gisele. História cultural da pedagogia dos surdos: 15 anos depois. In: PERLIN, Gládis; STUMPF, Marianne. (orgs.). **Um olhar sobre nós surdos**: leituras contemporâneas. Curitiba-PR: CRV, 2012, p.213-226.

RODRIGUES, Carla Gonçalves. O dito e o não-dito da formação de professores nesta contemporaneidade. In: **Caderno de Notas 1**: projeto, notas & ressonâncias. HEUSER, Ester Maria Dreher Heuser (org.). Cuiabá: EdUFMT, 2011, p. 121-128.

RODRIGUES, Carla Gonçalves. **Por uma po'p escrita acadêmica**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: FAGED/PPGedu, 2006.

ROSA, Emiliana. Identidades Surdas: o identificar do surdo na sociedade. In: PERLIN, Gládis; STUMPF, Marianne. (orgs.). **Um olhar sobre nós surdos**: leituras contemporâneas. Curitiba-PR: CRV, 2012, p. 21-28.

SANTOS, Angela dos; SILVA, Bianca da; CARDOSO, Raquel; MORAES, Violeta. Diferentes usos da cultura surda na literatura: a língua de sinais atravessada por marcas culturais e ressignificada nos processos de inclusão. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia (orgs.). **Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. Da ULBRA, 2011.

SCHALLENBERGER, Augusto. COMUNIDADES SURDAS NAS REDES SOCIAIS: pela resistência e perpetuação da diferença através do humor. In: PERLIN, Gládis; STUMPF, Marianne. (orgs.). **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. Curitiba-PR: CRV, 2012, p. 77-86.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: Tomaz Tadeu (Org). **A identidade e a diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

SILVEIRA, Guilherme; AMARAL, Márcia. Movimento surdo e o ciberativismo através do YouTube e do Facebook. In: **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul** – Chapecó / SC, 2012, p.1-11.

SOUZA, Regina Maria de. A linguagem de sinais no dizer dos surdos: tema de discurso, objeto de luta. IN: SOUZA, Regina Maria de. **Que palavra que te falta? Linguística, educação e surdez**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 87-112.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

TADEU, T. Tinha horror a tudo que apequenava... Biografia intelectual. **Revista Educação** – Especial: Deleuze Pensa a Educação nº6. 2ª ed. São Paulo: Editora, 2012 (6-15).

THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. In: **Cadernos de Educação** – Educação de Surdos / Faculdade de Educação – UFPel – Ano 19, n.36 (mai.-ago. 2010) – Pelotas: Ed. UFPel, 2010, p. 107 – 131.

TOURAINÉ, Alain. **Pensar outramente: o discurso interpretativo dominante**. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo Paradigma para compreender o mundo hoje**. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

ROLNIK, Sueli. **Pensamento, Corpo, Devir**. Palestra proferida no concurso para o cargo de Professor Titular da PUC/SP, realizado em 23/06/93, publicada no Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduação de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

SKLIAR, C. (Org.). **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 50, Maio/Ago, 2012, p. 267-282.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 3º Ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em Educação**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p. 23-38.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (orgs.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 105-118.

VILHALVA, Shirley. ANATOMIA DO SENTIMENTO SURDO. In: PERLIN, Gládis; STUMPF, Marianne. (orgs.). **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. Curitiba-PR: CRV, 2012, p. 59-66.

WIEVIORKA, Michel. **A Diferença**. Tradução: Miguel Serras Pereira. FENDA Edições: Lisboa 2002.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2004.

ANEXO – SUMÁRIO COLETÂNEA “Um olhar sobre nós surdos”

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
<i>Gladis Perlin, Marianne Stumpf</i>	

PREFÁCIO	9
----------------	---

PARTE 1 - SIGNIFICADOS IMPRESCINDÍVEIS

IDENTIDADES SURDAS: o identificar do surdo na sociedade.....	21
<i>Emiliana Faria Rosa</i>	

SURDOS: cultura e transformação contemporânea	29
<i>Gladis Perlin, Flaviane Reis</i>	

ENTRE O SABER E O CONHECER A LÍNGUA: questões sobre a identidade e subjetividade do aluno ouvinte estudante de libras	47
<i>Regiane Pinheiro Agrella</i>	

ANATOMIA DO SENTIMENTO SURDO	59
<i>Shirley Vilhalva</i>	

PARTE 2 - DIFERENÇA E NEGOCIAÇÕES

INTÉRPRETES, SURDOS E NEGOCIAÇÕES CULTURAIS.....	67
<i>André Ribeiro Reichert</i>	

COMUNIDADES SURDAS NAS REDES SOCIAIS: pela resistência e perpetuação da diferença através do humor.....	77
<i>Augusto Schallenberger</i>	

CONTADORES DE HISTÓRIAS SURDOS NA ARTE EM MOVIMENTO, NO RECONTO, NA RECRIAÇÃO E NA MEMÓRIA	87
<i>Carla Moraes</i>	

OS SOBREVIVENTES DAS POLITICAS SURDAS: opressão da cultura surda e de seus valores linguísticos na educação	97
<i>Karin Lilian Strobel</i>	

A TRANSMISSÃO DE VALORES E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM JOVENS SURDOS.....	109
<i>Marta Morgado, Mariana Martins</i>	

PARTE 3 - CIRCULAÇÃO E CONSUMO CULTURAL

MOVIMENTO SURDO: identidade, língua, cultura	139
<i>Ana Luiza Paganelli Caldas</i>	
A CULTURA SURDA NA ESCOLA	149
<i>Carlos Roberto Martins</i>	
EXISTEM SURDOS E EXISTE LIBRAS NAS TELENÓVELAS BRASILEIRAS?	167
<i>Carolina Hessel Silveira, Cláudio Henrique Nunes Mourão</i>	
CULTURA SURDA: um patrimônio em contínua evolução	177
<i>Débora Wanderley Campos, Marianne Rossi Stumpf</i>	
ANÁLISES DE PROFESSORES SURDOS SOBRE ELEMENTOS TÉCNICOS DE SINALIZAÇÃO NA LITERATURA SURDA EM LIVROS DIGITAIS	187
<i>Fabiano Souto Rosa, Madalena Klein</i>	
LER EM <i>SIGNWRITING</i> : POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA SURDA	199
<i>Fábio Irineu da Silva</i>	
HISTÓRIA CULTURAL DA PEDAGOGIA DOS SURDOS: 15 anos depois.....	213
<i>Gisele Maciel Monteiro Rangel</i>	
AS RELAÇÕES HISTÓRICAS ENTRE AS LÍNGUAS DE SINAIS FRANCESA (LSF), AMERICANA (ASL) E BRASILEIRA (LIBRAS)	227
<i>Heloise Gripp Diniz</i>	
EVOLUÇÃO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA PARA SURDOS NO BRASIL E NO MUNDO.....	245
<i>Marcelo L. C. Amorim</i>	
PEDAGOGIA SURDA E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS.....	265
<i>Simone Gonçalves de Lima Silva</i>	
SOBRE OS AUTORES.....	275